

PENSAMENTO E ARTE

N. 68 — S. PAULO, 6 DE SETEMBRO DE 1953



DIREÇÃO DE JOÃO RAYMUNDO RIBEIRO

O CENTENARIO DE FRANCISCO ARAGO

Arago morreu a 2 de outubro de 1853; o Parlamento francês resolveu dar a este aniversário um caráter de solenidade comemorativa.

Poucos sábios tiveram uma popularidade comparável à de Arago nos meados do século XIX. Deveu-a em primeiro lugar ao seu renome de astrônomo e aos esforços que fez para tornar acessível ao grande público uma ciência que lhe parecia atraente sobretudo por corresponder à sua visão do infinito. Graças ao papel desempenhado por ele na revolução de 1848 e ao interesse que pôs na defesa das liberdades democráticas, esta ciência estendeu-se ao mundo operário.

O seu próprio físico inspirava respeito e veneração. A sua grande altura, o perfil aquilino, a amplitude da testa, o seu olhar chamejante e a mobilidade das sobrancelhas, o encanto persuasivo da sua dicção, tudo refletia nele a inteligência; a foga, a foga, o espírito de dominação.

O princípio da sua carreira foi prodigiosamente movimentado. Aos vinte anos, o Bureau de Longitudes de Paris incumbiu-o de prolongar o meridiano de França até ao sul de Espanha. Leva a cabo os trabalhos à custa das mais perigosas aventuras. Passa seis meses no pico mais elevado de uma montanha para esperar a hora propícia a uma observação.

Tudo isto foi recompensado com uma carreira de excepcional rapidez. Entra aos vinte e três anos para a Academia das Ciências (da qual será depois secretário perpetuo em 1830). É nomeado no mesmo ano professor da Escola Politécnica. Os seus trabalhos científicos constituem uma bagagem imensa. Seu cálculo do meridiano terrestre serviu para uma nova determinação do padrão métrico, com o leve erro de um quinto de milímetro que ainda hoje comporta. Desde a invenção da fotografia, entreviu o progresso que ela iria provocar no campo da ciência astronômica.

Arago foi um dos primeiros vulgarizadores das ciências, graças à sua celebre "Estronomia popular" que foi para o público profano uma verdadeira revelação. Mas o imperio exercido por Arago no mundo culto do seu tempo não era suficiente para a transbordante atividade que o possuía. Sentindo-se não menos capaz de comover como de instruir o público lançou-se na política onde no campo da democracia militante foi encontrar um homem que a sua vocação de poeta lá tinha conduzido: Lamartine.

Começou por se ligar à oposição constitucional; depois dos tumultos de junho de 1832 faz parte da delegação que procura Luis-Filipe para o conjurar a dar à França um governo liberal. Eleito deputado em 1837 impõe-se pelo arrojo das suas concepções sociais. Intervém na abolição da escravidão de que a Convenção não conseguira abolir certos traços. Mas o seu discurso mais retum-

bante foi o que pronunciou em 1840 quando do debate sobre a reforma eleitoral. "Há neste país disse ele uma classe que passa mise-

ria: temos de organizar o trabalho modificar os regulamentos da indústria. Os operários prestam atenção a audaciosos empiricos.

Se eu sustento a reforma eleitoral é porque sou um amigo do progresso e do progresso moderado". Se encontramos neste dis-

curso todas as concepções que marcaram a passagem vitoriosa da revolução de 1848. Arago lança-se abertamente no levante popular de fevereiro. É nomeado por aclamação membro do governo provisório que lhe confia o departamen-

Suplemento do CORREIO PAULISTANO



"APÓS A ÚLTIMA BARRETA" — Tela do pintor paulista PAULO VERGUEIRO LOPES DE LEÃO. É uma evocação da gloriosa página da nossa história — a Retirada da Laguna — escrita com sangue e sacrifício nos campos de Mato Grosso, quando da guerra do Paraguai. (Quadro premiado no III Salão Paulista de Belas Artes — 1935).

UM GENERAL DE QUATORZE ANOS

SINESIO TRINDADE E MELO

— I —

PARECE que o século XVII, pelo menos de 1641 em diante, foi um dos períodos mais turbulentos da capitania de São Paulo, principalmente nas vilas de São Paulo e de Santos. Viviam-se entre estrondos de armas e lutas de facções, em que se aglutinavam quase todas as grandes famílias do planalto e do litoral. Poder-se-ia, verdadeiramente, denominar este período da nossa capitania de — "Tudo Medo" paulista, tendo-se em conta os grandes feitos dos nossos ancestrais, como as grandes bandeiras de conquistas, devassamentos e socorros a outras regiões do país, como a Bahia e Pernambuco. Teve início este ciclo com a conquista de Guarará, a tentativa de independência com a aclamação de Amador Bueno posteriormente abalado com a guerra entre os Pires e Camargos por longos anos. Provindo dos tempos das lutas com os tambores, tapalins e carijós, em que S. Paulo era antes um castró forte que uma "civitas", guardavam os seus habitantes as tradições militares, constituindo-se, as famílias mais poderosas, em hostes e os respectivos chefes em potentados de arco e flecha.

O episódio que abaixo vai descrito é ainda desta centúria agitada, e teve lugar aí por 1699. Alguns dias após as festas da Páscoa de Ressurreição, saiu de São Paulo uma forte esquadra armada e marchou pelo caminho da Serra do Mar, rumo a Santos. Era mais de 500 homens, organizados em 12

compañias, com uma reserva de outros tantos homens encarregados dos apetrechos e provisões, formando ao todo um impressionante corpo de guerra, que se estendia, a perder de vista ao longo do caminho de Santos.

Quem comandava esta expedição? Um menino! Sim, um menino de catorze anos que, mais envolvido pela inteligência e cultura do que pela idade, estava investido em um dos mais altos cargos da Coroa, na Capitania.

Chamava-se, este general de catorze anos, Timoteo Correia de Góis, e fora investido recentemente no exercício das funções de provedor e contador da Fazenda Real e de juiz da Alfândega de Santos.

Marchava ele na vanguarda da tropa, com o seu Estado Maior, constituído por sua mãe, d. Angela de Siqueira, seu padrasto, Pedro Taques de Almeida, fidalgo da Casa Real, quem, de fato, dirigia em nome do então a tropa em operações de guerra, à frente de uma guarda de mais de cem homens; seus tios-avós, Fernando Paes de Barros, Pedro Vas de Barros e Antonio Pedrosa de Barros. Também, também, parte na expedição vários sobrinhos do capitão-mor Pedro Taques, como Francisco de Almeida Lora, João Pires de Almeida, Salvador Pires de Almeida, e Pedro Taques Pires; os sobrinhos de d. Angela de Siqueira, Luis Rodrigues de Almeida, Antonio Rodrigues de Almeida, e outros. A tropa era

quebra e vários outros. Agregavam-se, entre tanto, forças de Farnalhas, organizadas e custeadas pelo grande Guilherme Fompen de Almeida, compostas da melhor nobreza daquela vila, sob o comando do capitão-mor Pedro Francisco de Brito.

Tendo chegado a Cubatão, os principais da expedição atravessaram o canal e rumaram para Santos, enquanto o grosso da tropa tomou o caminho de São Vicente, marchando desta localidade sobre Santos e acamparam acampamento no sopé do Monte Serrat, em frente às fortificações do adversário, a quem vieram dar batalha...

Este adversário era, nada mais nada menos, o celebre capitão-mor Diogo Pinto do Rego, veterano de muitas batalhas na Europa, experimentado guerreiro que passara grande parte de sua existência com armas nas mãos nas fronteiras com a Espanha, onde servira até o posto de capitão, e viera para a capitania de São Vicente nomeado seu capitão-mor governador em tempo já transcorrido. Filho de outro militar, o capitão Antonio Pinto do Rego, e neto de um capitão-mor governador do reino de Angola, baseando alta prosapia aristocrática, era soberbo, arrogante e obstinado, demonstrando um soberano desprezo aos filhos da terra. Tornara-se um potentado em Santos e aí acumulava grandes riquezas e adquiria vastas propriedades, entre as quais um charral de cam na antiga rua de Car-

(Continua na p. 144)

Artigo de ALBERT MOUSSET

to da Marinha. Manda inscrever o direito ao trabalho no primeiro decreto do poder insurrecional e verifica mais tarde por altura da efervescência operária que degenerou em tumultos, que fizera nascer esperanças que o governo não estava em circunstâncias de satisfazer.

Por ocasião da amotinação de junho de 1848, avançou para as barricadas a parlamentar com os insurretos. Os seus cabelos brancos impõem-se ainda, mas as respostas que lhe dão levam-no a reconhecer que a sua popularidade baixou e que depois de ter sido um precursor da revolução faz figura de atardado. Resume-se nele, com os seus entusiasmos e decepções, toda a experiência da elite democrática do seu tempo. O golpe de Estado de dois de dezembro encontra-o naturalmente nas fileiras da oposição. Desaparece da cena política e morre em 1853; o seu enterro, ao qual assistiram muitas delegações operárias, provocou que deixara no coração das massas uma recordação grata.

Louis Blanc disse dele que, habituado pelo exercício do magisterio a ter diante de si um auditorio docil e compreensivo, não possuía esse sentimento de superioridade que permite ao tribuna evitar as tempestades. Conta ele a este respeito uma anedota significativa. Uma noite de primavera, passeando nos jardins do Luxemburgo com amigos, chegou ao ponto de, no calor da improvisação, fazer o elogio dos serviços prestados pelo povo à ciência. Com a sua alta estatura, a sua figura de chefe árabe, os seus cabelos agitados pelo vento, nunca homem teve aspecto tão majestoso, nunca pensamentos vindos do coração se revestiram de formas mais nobres. No dia seguinte fez o mesmo discurso na Câmara. Mas ninguém reconheceu o orador da véspera, tanto ele parecia atento aos murmúrios que o elogio do povo levantava na assembleia!

Um detalhe pitoresco faria o prazer dos grafólogos: o rubrica da sua assinatura reproduzia, invertido e perpendicular, o traçado do seu nome.

PESQUISA ARQUEOLÓGICA EM CHIPRE

Um grupo de arqueologistas britânicos, patrocinados pelas Universidades de Liverpool e de St. Andrews, completou seu quarto e final estágio de escavação no local do templo-palácio em Kouklia, antiga Paphos, na ilha de Chipre. Acredita-se que a estrutura tenha sido construída e dedicada a Aphrodite por Kyniras, rei-sacerdote de Paphos. (B.N.S.).

A inquietação de Alvares de Azevedo



"Quanta glória pressinto no meu futuro!
Que aurora de porvir e que manhã!
Eu perderei chorando essas coroadas,
Se eu morresse amanhã..."

"Lembranças de morrer", "Se eu morresse amanhã", são mais que poesias presagios — são manifestações da íntima angústia da alma do poeta.

Natureza inteligente e idealista, entrançado, quem sabe, pelo estudo e agitada leitura dos sonhadores do seu tempo, Alvares de Azevedo quis viver na América o instante europeu. Suas composições são o perfume dos seus primeiros anos, nenhuma o fruto sazonal pelo tempo. Bom estudante, profundo conhecedor das matérias, Alvares de Azevedo a par com o estudo produzia incansavelmente. Parece que a intuição lhe dizia não sobreviver ao 5.º ano da Faculdade.

O seu livro e a sua pasta de estudante encontram-se no Instituto Histórico de São Paulo. Alvares de Azevedo conhecia bem a língua que modelava as suas ideias e as suas emoções. Embrenhou-se no estudo do Di-

reito Romano, anotou com esmerado critério o livro adotado de Direito Mercantil e o Código de Comércio do Brasil, fez a análise de "Jacques Roulet", de Alfred Musset, comentou os "Estudos literários sobre a marcha da civilização em

DANTE ALIGHIERI VITA
(Do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo)

Portugal" e fragmentos de um poema em linguagem antiga.

E como Musset, via a vida e a natureza através da sua tristeza doentia, às vezes, morbida. As leituras de Byron, de Heine e outros insuflaram, talvez, muita morbidez naquele terreno tão apropriado, tão fragil. Se não fora um genio os livros o teriam embrutecido.

"Finito do leito meus poetas dormem — O Dante, a Bíblia, Shakespeare e Byron Na mesa confundidos..."

Alvares de Azevedo, diz Ronald de Carvalho, trouxe as nossas letras o amargor ironico de Byron, a melancolia de Musset, a inquietação de Shelley e Sprague e o pessimismo imaginativo de Leopardi. Refletia, com certa constância, descrença profunda do amor, que procurava em vão. O amor frustrado, quem sabe, pelo físico de tuberculoso incipiente. Na sua

So leve uma saudade — é dessas sombras,
Que eu sentia velar nas noites minhas...
De ti, o' minha mãe, pobre coitada,
Que por minha tristeza te definhas..."

E em outro lugar:

"Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar meus olhos na triste irmã,
Minha mãe de saudades morreria
Se eu morresse amanhã..."

E ainda estes versos carinhosos:

"Criatura de Deus, o' mãe saudosa,
No silêncio da noite e no retiro
A ti vou minha alma esperançosa
E do peito o meu suspiro..."

Palavras de mimo e de candura que, não raro, contrastam com outras cheias de amargura e ironia.

Nela predomina mais o subjetivismo. A materialidade da impressão, quase sempre, se idealiza na mulher, no amor. A paisagem evolui para o transporte amoroso, para a mulher querida. Há visível carencia de impressões da natureza, da sociedade. O que se vê em "Tarde de Verão", "Tarde de Outono", ainda que pareçam descritivas, traduzem sensações subjetivas. Os temporais, os naufrágios, as avalanches nascem de uma poderosa fantasia, de ideias arrojadas, estapendas, mas aos poucos se transformam em impressões suaves e delicadas. Mostra-se de grande imaginação, de profunda sentimentalidade, contrariando às vezes, o traço de sua tristeza com laivos de humorismos.

Francisco e boêmio, o adolescente que padecia do "Weltsmerz" dos escritores alemães, metia-se em aventuras com Aureliano Lessa e Bernardo Guimarães e outros dentro do ambiente provinciano de S. Paulo. Querida viver a vida de Byron, de Heine, de Shelley, de Musset, seus ídolos, trazendo sua magia, sua inquietação, sua dúvida, que já haviam contaminado aquele meado do século, dentro da garça bandeirante.

"Entre todos os poetas e prosadores da nossa chamada fase romântica, diz Augusto Frederico Schmidt, esse quase menino, Alvares de Azevedo, foi o ser mais autêntico, o que mais se integrou na atmosfera do seu

tempo, o mais intimamente ligado a esse "estido de espírito" o romantismo. Alvares de Azevedo era integralmente um romântico, um ser que se afirmava a si mesmo antes de afirmar o mundo."

O patrono da cadeira no 2 da Academia Brasileira de Letras esgotou a sua mocidade trabalhando como poucos. Mais que no "Poema do Frade", o contista está na "Noite da Taverna", onde entre muita beleza, muita extravagância, o dramatasta está nos "Boêmios" e em "Macário". E ainda mais que algumas páginas objetivas de "Pedro Ivo", "Cantiga do Sertanejo" e "Na minha terra", há em "Glória Moribunda", "Cidade de Poeta", "Sombra de D. Jussé", muito desprazer, muita desilusão, em que veio despenhar o romantismo no decênio de 60 a 70 no clima acadêmico das Arcadas. Mas, é em "Macário", é na "Noite na Taverna", que o forte sabor byroniano, temperado com o mal venenoso de Alfred de Musset se infiltra mais inexoravelmente na sua alma.

"Um homem que existia tragicamente e procurava possuir todas as coisas rapidamente, como se estivesse no seu presente, sentimento que poderia resistir apenas durante a primeira estação" — diz Augusto Frederico Schmidt.

O poeta da "Lira dos Vinte Anos", ora se mostra apegado à vida, porque se morresse a mãe de saudades morreria, ora se conforma com o destino tragico que pressentia.

"Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto o poento caminhando..."

E, na mesma poesia, finaliza:

"Na floresta dos homens esquecida
À sombra de uma cruz — e escrevi nela
Foi poeta, sonhou e amou na vida..."

As melhores páginas de Alvares de Azevedo são aquelas em que ele deu expansão ao seu talento mais natural e íntimo — o talento lírico. "Seu lirismo é espontâneo, original e sobretudo triste, diz Ronald de Carvalho. Algumas poesias são irregulares na forma e na concepção, mas, em geral, de extraordinária beleza. Sua composição é rica na metáfora, sempre variada nos ritmos. Alvares de Azevedo realizou momentos de elevadíssima inspiração, enriquecendo a literatura brasileira de novo e inédito lirismo. Com seus poemas, oscilando sempre a fé e o ateísmo, Alvares de Azevedo elevou a "poesia da dúvida", ao mesmo tempo dolorosa e ironica à mais alta intensidade".

Manuel Antonio Alvares de Azevedo nasceu em São Paulo a 12 de novembro de 1831, em casa do seu avô materno, o conselheiro Silveira da Mota, na rua Quintino Bocaiuva, esquina da rua Senador Feijó. Silveira Bueno faz questão de esclarecer estas noções talvez, para destruir a lenda de que o poeta nascera na biblioteca da Faculdade de Direito, numa noite de festa como insinuava Agripino Grieco quando diz: "O pobre Alvares de Azevedo que nasceu junto a uma biblioteca quase esperando e vagando em meio aos 'infinos' da Academia".

Alvares de Azevedo passou sua infância no Rio de Janeiro cursando o Colégio Stoll e o de Pedro II antes de entrar na Faculdade de Direito. Nas Arcadas, na São Paulo romântica de Piratininga foi curta a sua vida para imprimir, talvez, todo o seu genio no instante fugitivo e breve do tempo.

"Ófê fatalidade, meu pai!" — eis as ultimas palavras.

Morreu no ano de sua formatura a 25 de abril de 1852, no Rio de Janeiro. D'z Silveira Bueno, não pôde deixar obra definitiva, deu-nos apenas uma amostra do que faria o seu genio se a morte não o tivesse quando a mocidade mal começava.

Alvares de Azevedo, o poeta da dúvida, pertence a uma geração literária que tombou quase toda na adolescência, mas, lá aurorela pela glória da imortalidade!



NOVIDADES LITERARIAS

A Livraria Civilização Brasileira, sita à rua 15 de Novembro, 144, telefone 32-0221, recebeu as seguintes novidades: P. Balmaceda Cardoso — "Introdução ao Estudo do Direito Internacional Privado Aeronáutico"; Roland Corbier — "Imagens da Suíça"; dr. Paulo Canton — "Bem-aventurados os que sofrem"; Raquel de Queiroz — "Lampião"; Optato Gueiros — "Lampião"; Almeida Nogueira — "Tradições e Reminiscências" — 2 vols.; Mario F. dos Santos — "Lógica e Dialética"; Cecília Meireles — "Romanceiro da Inconfidência"; C. A. Barbosa de Oliveira — "Reflexões de Ozanam"; A. da Silva Mello — "Nôrdete Brasileiro"; cel. Adalardo Flauto — "Problemas do Brasil"; J. Queiroz — "O Secretário Moderno"; Cornélio Penna — "Fronteira"; e Charles Albert — "O Amor Livre".

As boas intenções têm sido a ruína do mundo. As únicas pessoas que realizaram qualquer coisa foram as que não tiveram intenção alguma. — OSCAR WILDE.

RESENHA

— "Os amores do Abelardo e Heloisa" é o título do livro que o escritor paulista David Serra acaba de publicar, em caprichosa edição da Editora Novo Mundo, desta Capital, com linda capa desenhada por Vera Basani. Se nas célebres cartas de amor deixadas pelos grandes apaixonados de Paris do século XII, o autor trouxe uma história empolgante e sentimental, dando moldura conveniente aos quadros dramáticos de duas vidas que o destino aproximou mas a maldade e a incompreensão dos homens separou para sempre. É um romance que agrada e confirma a reputação de David Serra como escritor.

— A Coleção Documentos Brasileiros será acrescida em breve de mais um volume: "Livro de Memórias das Igrejas de São Paulo", de autoria de Leonardo Arroyo.

— Rosalia Simonian, jovem escritora natural de Araguaia (Triângulo Mineiro), que alcançou grande êxito com o seu primeiro romance "O outro homem", editado pela Brasiliense, anuncia um novo trabalho, também do gênero romance: "As Culpas das Pedras".

— Candido de Figueiredo não foi somente prosador e filólogo; escreveu também versos, tendo sido o seu livro "Peregrinações" bem recebido pela crítica. Em muitos de seus poemas pra-se a fórmula goethiana do dialogo e quase sempre se inspira na vida bucolica da sua terra, ao Ribeiro, criticando o "Livro de Corina", de Candido de Figueiredo, fez esta restrição bem justificada: "Destigura-o a insuportável rima (bem — mãe) que os portugueses de hoje adotam contra a boa prosódia antiga clássica e também, felizmente, brasileira".

— O útil ao agradável. E que se encontra nesta deliciosa eudúmbia de Franklin Coutinho: "Tinha um desejo que até parece mais um gracejo: Temperar o meu café Com a docura do teu beijo".

Livros históricos sobre São Paulo

Na Livraria Civilização Brasileira, à rua 15 de Novembro, 144, encontram-se as seguintes novidades sobre a história de São Paulo:

Almeida Nogueira — "Tradições e Reminiscências";

Pedro Taques de Almeida Pais Leme — "Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica";

Col. Pedro Dias de Campos — "O Inocência e o Bandeirante na História de São Paulo";

Afonso de E. Taunay — "História das Bandeiras Paulistas";

Belmonte — "No Tempo dos Bandeirantes";

Costa e Silva Sobrinho — "Santos Nossos Tempos";

"São Paulo em Quatro Séculos" — Catálogo dos documentos sobre São Paulo existentes no arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Frei Gaspar da Madre de Deus — "Memórias para a História da Capitania de São Vicente";

Augusto Emilio Zahar — "Peregrinação pela Província de São Paulo";

Azevedo Marques — "Apostamentos Históricos, Geográficos Biográficos, Estatísticos e Noticiários da Província de São Paulo";

Afonso de E. Taunay — "Estado de Santa Geral das Bandeiras Paulistas";

— Foi em 1909 que Vivaldo Coaracy, o apreciado V. Co. dos "Bilhetes do Rio", de "O Estado", publicou o romance "A Rampa" e o livro de versos "A dor da terra", inscrevendo-se entre os nossos melhores escritores.

— O poema "O caçador de esmeraldas", de Bilac, foi traduzido para o italiano por Carlos Parlagreco.

— Thomas Mann, prêmio Nobel de Literatura de 1929, deve sua reputação firmada apenas com dois romances: "Os Buddenbrook" e "A Montanha Mágica". O escritor alemão, exilado pelo nazismo, par ser de origem judaica, naturalizou-se cidadão norte-americano após sua transferência para os Estados Unidos.

— Opinião de Eça de Queiroz sobre a Rússia: "A Rússia de fato é uma velha casa asiática, que tem uma varanda rasgada sobre a Europa. A essa varanda da surge frequentemente e, de cima dela, intervem, com a sua força com a autoridade que a força lhe dá, nos negócios da Europa". (Cartas Familiares — 1893-1896).

— Mais uma contribuição para o conhecimento da vida e da obra de Santos Dumont vai ser publicada: trata-se do livro "Quem deu asas ao homem", biografia completa do "pai da aviação", que Henrique Dumont Villares escreveu, com farta documentação inédita. A impressão dessa obra está pronta e seu lançamento iminente.

POEMA
NIDIVAL REIS

Numa imprópria procura
de sonhos arquitetados,
pelo silêncio das horas
caminha meu pensamento.

E a caminhada se alonga
sem que esses sonhos se tornem
ideias concretizadas.

Pelo silêncio das horas
caminha meu pensamento...

BISANDO O DISCURSO

Conta-se que o poeta Edmond Rostand, autor do "Cyrano de Bergerac", ao ser recebido, em 1901, na Academia Francesa, proferiu um discurso tão belo e eloquente, tão vivo e eloquente, que o público, arrebatado, prorrompeu em ruidosos aplausos. Em meio ao rumor entusiasmado que encheu o recinto solene do cenáculo das letras francesas, ouviu-se um grito que deixou todos os presentes atordoados: — "Bis!"

Muita gente riu, pelo inéditismo do caso. Foi decente a primeira ou a única vez, no mundo, que alguém pediu "bis" de um discurso literário...

E' permitido ser mais habil do que os outros; mas é perigoso pare-lo. — CELT.

FELICIDADE

GUSTAVO TEIXEIRA

Os faustosos castelos que eu sonhara
Hoje possuo, rei feliz, possuindo
Teu coração, que é a pérola mais rara
E todo o jaspé desse corpo lindo!

E' meu sol dessa pupila clara,
E o mel dos beijos que me dá, sorrindo,
E o oiro que rola do odorante seara,
Da andosa seara do cabelo infindo...

Contudo, às vezes, punge-me o receio
De perder o hibernaculo do seio
Que para mim tem o calor dos ninhos!

Quis ser por ti de rosas coroadado,
Sem me lembrar, de amor embriagado,
Que as coroas de rosas têm espinhos...

Em torno da fundação de São Paulo

NOBREGA AUSENTE EM PIRATININGA

PARA evitar a conclusão, a que nos conduzem os documentos de que o patronímico de São Paulo se deve, não a Nobrega, mas aos fundadores efetivos do Colégio, por ele para lá enviados após a Epifania e no mês de janeiro de 1554, haveria um expediente: — provar que o padre Manuel da Nobrega esteve na ocasião da abertura do Colégio.

Que lá tenha estado meses mais tarde, ninguém duvida: — está documentado e era aliás uma das obrigações do seu ofício. A casa de São Paulo foi, entre 1554 e 1556, antes que se organizasse o "Colégio" da Companhia de Jesus na Bahia, a mais importante de quantas mantinham os jesuítas no Brasil. Para demonstrar porém a sua presença lá nessa oportunidade, não existe um só documento! Todos dizem, pelo contrário, que de São Vicente enviou ele seus súditos para o planalto.

"Missi ergo fuerunt... aliqui ex nostris, — escreve por ex. João Polanco —, inter quos Josephus fuit", "foram pois mandados" alguns dos nossos, um dos quais era José" ("Chronicon", IV, 612). No período imediatamente anterior se consigna o termo "a quo" deste verbo de movimento "mittere": — São Vicente. No período seguinte o termo "ad quem": — Piratininga. Quem envia? Nobrega. Os enviados? Súditos de Nobrega. Não se temia expressado desta forma o Cronista da Companhia se tivesse qualquer documento para inferir que lá fora o Superior a organizar o Colégio, levando os demais em sua companhia.

Que temia, isto é de resto, ali organizar? A choupana, a seu pedido, estava construída pelos índios de Tibiriçá. A vida religiosa só podia ser continuação da que levavam em São Vicente. O colégio se resumia num professor: — Anchieta. O trabalho da catequese estava começado. Quanto ao mais, tratava-se de ir buscar lenha ao mato e obter de esmola o pouco que era possível para comer. Para organizar elementos tão simples, não se necessitavam as luzes de um bacharel em canones pela Universidade de Coimbra. Bastava o senso prático de Manuel de Paiva, a virtude, a ciência, a capacidade de trabalho do irmão José de Anchieta. Não negamos a conveniência. Negamos a necessidade.

O papel de Nobrega na fundação de S. Paulo pode bem comparar-se ao de um bispo que funda o seu seminário. Há contudo diferenças consideráveis. Quantas vão de um edifício apropriado para isso e dotado de pertences adequados a sua finalidade e essa pobre cabana de pau a pique, recoberta de sapé, com uma esteira de canas por porta, onde as camas eram redes "que os índios costumam" e o fogo aceso servia de cobertores, onde, para o único Mestre, não havendo "artes nem livros por onde os estudantes aprendessem... lhe era necessário suprir com sua pena, escrevendo-lhes por sua mão o necessário" ("Breve relação", Lisboa, 1934, p. 13).

Não se furtaria Nobrega a tais sofrimentos, por falta de virtude. Sobrejas provas deu em sua vida de amor à cruz de Jesus Cristo. Com-

IX

partilhou logo mais, desde junho talvez, das agruras ali suportadas pelos seus irmãos. Que lá residisse, entretanto, como em seu domicílio permanente e que lá fosse o Superior da Casa, Mestre de Novícios ou qualquer outro ofício, padecemos negando por duas razões: —

Pelo
Pe. HELIO ABRANCHES
VIOTTI, S. J.

uma de caráter apriorístico, argumento cujo valor aqui se fortalece pela ausência de documentação em contrário e pela brilhante confirmação positiva, haunida na crônica de Polanco, e esta é a segunda.

"Como Superior das Jesuítas do Brasil, que labutavam nas diversas capitâneas, desde Pernambuco a São Vicente, competia a Nobrega toda iniciativa e responsabilidade de governo, nomeações de Superiores locais, transferências e novas fundações, sem poder ele próprio ficar superior local em parte alguma, pois era Superior de todos" (S. Leite, VII, 367). Quanto ao ofício de Mestre de Novícios em particular, só se organizou em Portugal muito depois que Anchieta deixou de ser novício, e no Brasil depois da chegada das "Constituições da Companhia" em 1556 (4).

A versão tradicional, consignada três vezes pelo cronista na "História da Companhia de Jesus no Brasil" (2), é a que aponta como primeiro Superior da Casa em Piratininga, que aí foi por Nobrega mandado inaugurar-la ao padre Manuel de Paiva. Versão que descansa no testemunho explícito de Anchieta, esclarecido ainda mais por Simão de Vasconcelos, e que continuava de pé, enquanto se não aduzir o primeiro documento em contrário.

Tivesse Manuel da Nobrega desempenhado em Piratininga o ofício de Superior, ou pelo menos ali residido de modo fixo e habitual nesse ano de 1554, não deixaria de registrar-lo fielmente em Roma o secretário de Santo Inácio de Loyola, já que dentre as informações epistolares lá recebidas seria essa uma notícia essencial para a história da Companhia no Brasil. Não só não o registra, mas assevera justamente o oposto disso, a saber que, de quando em quando, abandonando as povoações portuguesas, lá ia Nobrega em visita, cumprindo o seu ofício de Provincial.

Sua afirmação merece exame mais acurado. "Versabatur etiam Piratiningae aliquando Provincialis ipse, a lusitanorum habitacione segregatus" ("Chronicon", IV, 626). Em tradução literal isto significa: — "Demonstrava também em Piratininga alguma vez o próprio Provincial, retirado da habitação dos Portugueses". Contra esta tradução poderia objetar-se que o adverbio "aliquando" pode ter a significação de "outrossa". Expondo aqui porém o analista, como de presente, os fatos sucedidos já no segundo semestre de 1554, fica excluída tal significação, tanto mais que o verbo se usa no imperfeito. Quanto àquele "etiam", "também", quer modifique o verbo

"versabatur", quer se pretenda referindo ao locativo "Piratiningae", quer ao sujeito da oração "Provincialis ipse", com ele se estabelece claramente o sentido de que a estada de Nobrega em Piratininga foi sempre esporádica.

Com isso está plenamente de acordo a carta de Ambrosio Pires, escrita da Bahia a 15 de junho de 1555, recolhida por Antonio Franco na "Vida do padre Manuel da Nobrega". Refere ele que a pessoa que lhe trouzera a Ponto Santo, uma ordem do Superior para que seguisse para a Bahia, lhe dera a respeito dele e de sua atividade informações deste teor: — "Se visseis seus compridos caminhos... o passar dos rios, alagoas, lamas, matos sem caminho, fomes e sedes nos despojavados, os perigos das onças e bichos que suspiram mais por carne humana que lobos por cordeiros; o cuidado de visitar agora uns e agora outros irmãos, que têm postos entre os índios, tão longe uns dos outros e que ele tanto ama e com que tanto se consola..." ("Imagem de Coimbra", II, 193). A 6 de junho chegara Ambrosio Pires à Bahia; a ordem deve tê-la recebido em maio, se não antes, e ter sido expedida de São Vicente em abril ou março. Tal descrição espelha exatamente a vida que levou o Superior nesse segundo semestre de 1554 e primeiros meses do ano seguinte.

No intuito de demonstrar a presença de Nobrega em Piratininga a 25 de janeiro de 1554, entaram-se palavras do capítulo 1.º da "História de la fundación del Collegio del Río de Henereo", que passaram a analisar agora. Desta obra, que termina a sua narrativa com o ano de 1574, não se pode apontar com certeza quem seja o autor. Se como parece, tem o mesmo autor que a "História de la fundación del Collegio de la Baya de todos los Santos y de sus residencias", existe também para ela a suspeita de que seja escrita pelo padre Quirício Caxa (3). Está redigida em espanhol.

Leiamos o texto original desse documento: — "Emble lo padre Nobrega al capitania de San Vicente al Padre Leonardo Nuñez, con el Hermano Diego Jácome, y residieron algunos días en San Vicente exercitando los ministerios de la Compañía, así en aquella villa como en la de Santos, y por que aquella tierra entonces parecía más apta para fundarse en ella un collegio para la conversión de los gentiles que avia muchos de paz: — fué el Padre Manuel de Nobrega con alguns de la Compañía a dante principio".

Nesta exposição extremamente compendiosa de sucessos que se desenrolam entre 1549 e 1553, inutilmente, se iria esquivar um argumento decisivo para se concluir que Nobrega esteve no planalto dando principio a 25 de janeiro de 1554 ao Colégio de São Paulo. Nesse período só se fala de São Vicente. O colégio aí visado é a escola de catecúmenos de São Vicente. E de fato sabemos que, aí chegando em fevereiro de 1553, tratou imediatamente Nobrega, a exemplo do que fizera na Bahia em 1550, de lhe dar



MARTIM AFONSO TIBIRIÇÁ (Painel de J. Wasth Rodrigues, existente no Museu Paulista)

estabilidade econômica, erigindo-o juridicamente em Confraria do Menino Jesus.

No período seguinte é que se refere o autor à transferência desse colégio para o Campo, com estas palavras: "Estando allá listo é, em São Vicente, pareçõe lugar más conveniente para estudios la villa de Piratininga, y por eso se pasaron para ella, donde el Padre Joseph leyó algunos años humanidad" (4). Onde aqui afirmativa de que tenha Nobrega ido pessoalmente inaugurar o Colégio em Piratininga? Como teria, aliás, omitido Anchieta essa circunstância nos textos relativos ao acontecimento, ele que é comprovadamente tão cuidadoso em referir os atos de seu Superior.

O que escreve Anchieta a esse respeito é o seguinte: — "Mandou [o padre Manuel da Nobrega] alguns doze irmãos para que estudassem gramática e juntamente servissem de interpretes para os índios e assim aqui se começou o estudo da gramática de oroposito e a conversão do Brasil" ("C. Jes.", III, 316). "Não sabia [o padre Manuel de Paiva] muito latim... mas depois que veio ao Brasil trabalhou muito nisso, especialmente ao principio, que se começou o estudo de Piratininga, onde ele era Superior dos Irmãos, e com acudir a todas as necessidades dos proximos e às mais obrigações de seu ofício, estudava com eles, deixando de dormir muita parte da noite" ("C. Jes.", III, 484 — 485). Dele expressamente escreve na sua "Crônica Simão de Vasconcelos, apoiando-se nos "Apontamentos do Padre José", que debaixo de sua obediência subiram de São Vicente os fundadores da nova Casa ("Op. cit.", L. I, § 149).

Excluir do acontecimento Manuel de Paiva e colocar em lugar dele Manuel da

Nobrega, seria uma simples questão de nomeação? Não será, pelo contrário, bôla na substância do episódio? Quer-me parecer que não. Somente um documento novo, absolutamente claro, autorizaria tal substituição. Pelo menos em História, que pretenda manter seus foros de científica... Manuel por Manuel, fiquemos com aquele que os textos antigos e seguros e a tradição já consagraram!

NOTAS

1) "E" de saber que até o mês de novembro de 1553, em que se publicaram e começaram a pôr em praxe as Constituições no Colégio de Coimbra, além de ser o tempo do Noviciado só ano e dia, como nas outras religiões, não viviam os novícios com tanta separação". (A. Franco, "Imagem de Coimbra", I, 4). O padre Antonio Correia, diz o historiador da Assistência de Portugal, foi o primeiro em toda a Espanha, que teve, depois de promulgadas as Constituições de Santo Inácio, o cargo de mestre de novícios" (Francisco Rodrigues, "História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal", T. I, V. I, 444).

2) S. Leite, "História da Companhia de Jesus no Brasil", I, 273 e 274; VI, 399: "mandou [Nobrega] inaugurar a "Casa de São Paulo": a administração superior confluía ao P. Manuel de Paiva, e o ensino a um jovem canarino, aluno de Coimbra, o Sr. José de Anchieta, primeiro mestre dessa escola", VII, 367.

3) No Arquivo da Companhia de Jesus em Roma, sob cota Bras. 12, se conservam três codices da mesma época sobre a história da fundação dos três Colégios da Companhia no Brasil no século XVI, Bahia, Rio e Pernambuco. Na "História de la fundación del Collegio de la Baya" existe referência explícita à "História de la fundación del Collegio del Río de Henereo" e vice-versa, o que faz supor pertenciam ao mesmo autor, suposição perfeitamente admissível se se observa o estilo, em que até identidade de expressões e de fraseologia existe. Na "Introdução Bibliográfica" do T. I da "História" (Conclui na 14.ª pag.)

O MEU TRISTE AMIGO PEREIRA DA SILVA

Por JORGE AZEVEDO



A. J. Pereira da Silva, o grande poeta paraibano

Quando conheci, ocasionalmente, Antonio Joaquim Pereira da Silva, num corredor qualquer do antigo prédio da Central do Brasil, no Rio, estava longe de supor que o destino, generoso, me oferecesse um maravilhoso amigo. E nem poderia imaginar, naturalmente, a influência benéfica que o meu pobre espírito iria receber através do seu convívio e a beleza cristã da sua poesia.

A sua história tristíssima se desentrou, na minha memória, quando lhe apertei a mão magra e fria. O seu rosto esquelético se iluminou num sorriso efêmero ao dizer-me eu, ingenuamente, que gostava também de escrever. E para justificar aquele também contei-lhe a história da minha mania de divulgar a obra alheia...

Tenho hoje a impressão de que Pereira da Silva me olhou espantado, porque me disse naquele seu tom suave de voz amiga: —

— Prepare-se, então, meu jovem, para receber as mais estranhas demonstrações de gratidão de que somente é capaz esta casta de homens de letras... Escreva o que lhe estou dizendo: você divulgará seus nomes, obras e vidas e, por mais incrível que lhe pareça, agora, não receberá, sequer, uma palavra de agradecimento.

Lembro-me bem de que respondi: —

— Mas haverá exceções...

E Pereira da Silva, sorrindo e soltando a baforada de fumaça: —

— Essas serão o seu consolo...

Evocando, hoje, Pereira da Silva, não posso compreender como num olhar tão manso, numa fisionomia tão iluminada de bondade e num corpo tão fragil pudesse vibrar uma personalidade tão viril. Era, na exata significação da palavra, um homem. Firme, bom e sereno ante o sucesso ilusório da *imortalidade* acadêmica e a permanente tragédia que foi a sua vida. O desespero, nele, suponho, se diluía numa resignação que, às vezes, lhe marejava os olhos e fazia tremorem-lhe as mãos. Quantas vezes vi-o chorar como criança ao meu lado, interrompendo, subitamente, a narração confidencial de sua vida. Durante oito meses, com raras falhas, conversamos à tarde, numa varanda lírica de um hotel na vila fluminense de Rodão: afundava o corpo magro numa poltrona de vime, enroscava as pernas, acendia o cigarro

insuperável e, cobiando de quando em quando a cabeleira negra, começava a falar. E eu o ouvia durante horas. Caía a noite e nos despedíamos. E eu regressava a casa, desolado: por ouvir tantas confidências dolorosas entretecendo a vida de um homem profundamente bom e, também, por deixá-lo, enfermo e sozinho, num quarto desconfortável do hotel. Mas consolava-me à certeza de revê-lo na tarde do dia seguinte e levar-lhe, na minha voz, o calor de uma amizade que o tempo aumentaria.

Menino ainda, chegou Pereira da Silva, com a família, ao Rio. Vinha da sua cidadezinha paraibana tangido pela terrível seca que assolava a região. Os pais conseguiram emprego de remuneração ínfima e trabalhavam das seis horas da manhã às seis da tarde. Comiam pão e salame ao sair e, trabalhando o dia todo sem alimentação, regressavam ao barracão famintos e exaustos. Pereira os aguardava, também faminto. E muitas vezes, — homem prematuramente feito à força do sofrimento! — vendo os velhos pais trocarem olhares ante a escassez do salame ou da linguiça — simulava inapetência e, por mais que eles o obrigassem, não os atendia...

A boa leitura já era, aquele tempo, o seu único alimento. E, que, conseguindo matrícula gratuita no Liceu de Artes e Ofícios, o menino trazia, diariamente, para ler, as melhores obras da biblioteca da escola. Depois, conseguiu modesto emprego na Central do Brasil e, durante os pernoites, decorou a "Gramática Portuguesa" e o "Francês Sem Mestre", lendo e relendo, também, as obras de Castro Alves, Fagundes Varela e Gonçalves Dias. Dominava-o a ansia de aprender e aperfeiçoar-se. E foi tanta essa vontade que o menino ingressava no Colégio Militar, enfrentando a aspereza dos exercícios militares, as sabatinas exageradas e... a sua falta de vocação para a carreira. Mas continuou, conseguindo êxito no curso preparatório e fazia o superior se não fosse desligado devido a uma revolução.

Já homem, o menino de Araruna se encontrou um dia numa roda boêmia em que pontificavam João do Rio, Felix Pacheco, Nestor Vitor, Gonzalo Jacome e vários outros poetas e prosadores. E a forte impressão que lhe causou, nessa época, o menino-homem, nos transmitiu, vinte anos

depois, João do Rio num artigo que começa assim:

"Há vinte anos, pouco menos talvez, apresentaram-me, certa tarde, no Boqueirão do Passaio, um homem de gesto simples, poucas palavras, passos lentos. Era magro, tinha a boca rasgada e dois olhos de extrema bondade, que olhavam francamente. Por desagradável coincidência esse homem era acompanhado de um bando de pequenos tagarelas, pelo vulgo conhecidos por literatos. Eu sempre abominei palestras literárias, já nesse remoto tempo, como agora. E o bando de cidadãos que passam o tempo a falar sem compreender de coisas sérias e a atassalhar o que dele não fazem parte, irritava-me. Mas, de repente, eu estimei o homem magro, de olhar bondoso e irreverente. Foi difícil a conquista da sua sinceridade pelo meu conceito. Nessa lenta prova senti o prazer de não me ter enganado. As qualidades de distinção entrevistas nesse simples encontro, ele as tinha superiormente e, na sua tranquila modestia, nenhum caráter eu vi tão sincero, nenhum coração mais bondoso e nenhum espírito que da arte tivesse uma tão alta compreensão. Foi há vinte anos pouco mais ou me-

nos talvez, e o homem magro chamava-se Pereira da Silva. Digo: o homem magro. Na época do nosso encontro Pereira da Silva devia, quanto à idade, não passar de um menino. Nem ele, nem eu estávamos perto dos vinte anos e eramos simples estudantes. Acontece, porém, com alguns entes influir o caráter de tal modo que eles nunca são meninos, nunca são velhos, porque são sempre um homem destinado a exprimir uma determinada feição universal. Os versos de Pereira da Silva podiam não ter o simples e puro vernáculo de hoje. Mas Pereira da Silva era um homem sem infantilidades, sem posturas, sem literatura, dizendo sinceramente o seu sentir e principalmente o seu pensar".

Conhecendo Patrocínio, o negro abolicionista, Pereira da Silva viu, em letra de forma, na "Cidade do Rio", um soneto de sua autoria. Revelava-se o grande poeta que viria a ser. Era a consagração inicial do triste filho do carpinteiro de Araruna que lhe deixara, ao morrer, uma toca cruz de madeira, que seria o doloroso símbolo da sua vida e da sua poesia:

*É meu tormento. Chamam-lhe poesia,
arte do verso. Chamo-lhe o madeiro,
a cruz da minha noite e do meu dia.*

*Cruz em que verto o sangue verdadeiro
e em que minha alma em transe agoniza
e o coração se sacrifica inteiro...*

Pereira da Silva era, por essa época, criatura infeliz no amor. Tragicamente infeliz. Toda a sua

ternura de homem se concentrava, então, no filho único, sempre amado:

*Vede vós quanto eu me humilho
pedindo, Virgem das Dores,
embora em rimas sem brilho,
que vós liveis o meu filho
dos instintos inferiores.*

*Vede vós quanto eu me humilho,
a vossos pés redentores,
pedindo, Virgem das Dores,
que não haja um impecilho,
torças, insidias, rancores
ou feitos de malfetores
contra a vida do meu filho.*

*Vede vós quanto eu me humilho,
Vede vós quanto eu me humilho!*

Estudando-lhe, certa vez, a rica personalidade artística, Agripino Grieco teve uma frase profética: "Na tristeza está o segredo do seu *"partos"* estético. Encerrado em si mesmo, gozando a volúpia da própria solidão, a sua dor acabará sendo uma alegria espiritual para os que amam a poesia".

Leio, num artigo de José Lins

*Quando as mulheres beijo, nelas sinto
em vez da exaltação de toda gente
saibo de um gozo amargo como absinto.*

E me lembro a esta citação: que o meu triste amigo deixava realmente, transparecer, quase sempre, a sua irreprimível amargura quando a figura da mulher surgia, nítida ou mesmo impressa, em meio da conversa. E desse momento em diante a sua voz se velava e, procurando rememorar versos de poetas amados, buscava refúgio para o espírito conturbado na beleza consoladora da poesia.

Afirmou-me Pereira da Silva que Luiz Carlos, antes de morrer, lhe pedira que o sucedesse na Academia Brasileira de Letras. Desejaria ter, como sucessor, sentado na sua poltrona, o amigo dileto e colega ferroviário inseparável. Pereira, constrangido, recebeu, silencioso, o estranho pedido: não iria decepcionar o amigo enfermo, contrariando-o. Depois, pensava, conseguiria um jeito para não cumprir a promessa... Mas amigos e admiradores cercaram-no: teria de candidatar-se à imortalidade. E quando o tímido poeta se inserveu, a voz de Prado Kelly se fez ouvir, clara e livre como sempre, através de belo artigo no "Jornal do Comércio" de 23 de abril de 1931:

do Rego, publicado em "A União", de João Pessoa, Paraíba, edição de 20 de abril de 1921, este trecho sugestivo: "Pereira da Silva, para sua maior glória não é adorado pelas mulheres fúteis. E mesmo o poeta não possui pelas sereias humanas a atração erótica dos poetas casquilhos". E cita, para justificar a afirmação, estes versos:

"Note bem a Academia. A vaga é um poeta, dos mais puros, lemos poemas do nosso sentimento lírico. A sua inspiração vinha das ribas clássicas do Tejo, com um sabor camoniano, que ganhava, na linguagem moderna, um acento especial de beleza estacionária, como a reminiscência de

um padrão glorioso das fontes e modelos da nossa literatura primitiva. O ar de Coimbra, o exemplo e a familiaridade dos quincentistas lhe ornaram o estilo com a discrição, a elegância e a harmonia, felizmente adaptadas às recentes imposições do gosto e ao conceito contemporâneo da arte. Não é nome que se possa substituir, sem perda, por um florão científico".

E terminando, inclusive, o magnífico artigo: "A esse lírico espontâneo excepcional em nosso meio, cuja obra nasce do desequilíbrio entre a sensibilidade do artista e o desvario da vida moderna — com as suas ousadas inovações, interesses, atividade urbana, disciplina, desenvolvimento mecânico das capacidades e confusão de valores, que descortinam a uma alma simples a tristeza e o desconforto dos dramas humildes — a Academia de Letras não pode negar a hora definitiva da consagração. Deixemos, de vez, a nota de bom-humor, com que se comentam os pleitos da imortalidade. Ao "Pêfit-Trianon" se reserva, agora, uma diversa influência na cultura brasileira. Se os verdadeiros escritores desanimam da justiça daquela Casa, de pouco lhe valerão, em breve tempo, os flores de ouro das poltronas ou os ornatos do seu palácio. Os erros de outras escolhas — se os houve, como contam aí fora — devem compensar-se com a imparcialidade das novas eleições. Podem esperar, sem impaciência, o favor todos aqueles que, pela situação oficial, ou condição mundana aumentem o recreio das festas, ou acessem um donaire de bom-tom às cortesias das sessões semanais. Mas, por isso mesmo — ainda para prestigiar os outros beneficiários da Glória — é indispensável, de vez em quando, se abram as portas, em noite de gala, a um autêntico poeta que vá atamar o jogo dos séculos com a surpresa dos seus caros odores amáveis. Platão vá debruçar-se à sombra dos deuses".

Pereira da Silva, eleito a 23 de novembro de 1933, foi recebido, na Academia, por Ademar Tavares, a 26 de junho do ano seguinte. Soara, como reclamara Prado Kelly, a "hora definitiva da consagração".

Pereira da Silva, imortalizado, continuou o mesmo: bom e humilde. E bom, humilde e triste, foi que o conheci e o amei, como criatura superior que era. E ainda me surpreendo, hoje, ao me lembrar que jamais ouvi de seus lábios uma palavra áspera ou mesmo ironia contra alguém, nem tampouco uma resposta humorística que encerrasse *"blague"* ou trocadilho. Mas sei que, certa vez, respondendo a Ademar Tavares que lhe perguntava se ele era pelo romantismo, parnasianismo ou simbolismo, Pereira da Silva lhe disse num cochicho:

— Meu caro amigo. Ante todos esses ismos, só a um tiro, compungido e respeitoso, o meu chapéu...

E solene:

— O cabotinismo...

Ah, meu triste amigo Pereira da Silva! Se ainda vivesse, estarias, por certo, exausto de tanto tirar o chapéu...

UM SONETO DE EUCLIDES DA CUNHA

O grande escritor de "Os Sertões" não era apenas prosador. Também compôs versos e deixou, inédito, um caderno de sonetos e outras composições a que deu o título de "Ondas"! Um dos seus trabalhos poéticos é o soneto que aqui reproduzimos e que Euclides escreveu no álbum pertencente a sra. Pragner Fróes, na capital baiana, quando voltava da sua missão jornalística em Canudos, em outubro de 1897:

PÁGINA VAZIA

Quem volta da região assustadora,
De onde eu venho, revendo inda na mente
Muitas cenas do drama comovido
Da guerra desapiadada e aterradora,

Certo não pode ter uma sonora
Estrofe, ou canto ou ditrambo ardente,
Que possa figurar dignamente
Em vosso Álbum gentil, minha senhora.

E quando, com fidalga gentileza,
Cedestes-me esta página a nobreza
De vossa alma iludiu-nos, não previstes

Que quem mais tarde nesta folha lesse,
Perguntaria: "Que autor é esse
De uns versos tão mal feitos e tão tristes?"

O ASSASSINATO DE DONA HELOISA

Eu tinha praticado todos os ritos matutinos da toilette de um cavalheiro limpo. Ingerira a xícara, também ritual, de café, e espichara-me em uma cómoda espreguiçadeira, disposto a ler os jornais, quando o Alves Calado me bateu à porta:

— Em nome da lei, pode-se entrar?

— Pode-se, delegado illustre! — respondi-lhe.

Eu sabia que ele passara a noite, de plantão, na Repartição Central da Polícia.

— Muito trabalho? — fui indagando.

— Muito.

— Isso deve querer dizer que V. dormiu de um sono só toda a noite.

— Meditativo inveterado, não é verdade. E tanto não é que lhe trago um pratinho saboroso. V. vai poder agora firmar gloriosamente o seu resumo de detetive, ou provar que não passa de um obtuso contador de histórias.

E narrou-me o que ocorrera. De Papulyh lhe tinham telefonado que procurasse o dr. Lameira, jornalista e libe comunicasse que havia urgente necessidade de sua presença. Não o prendesse, mas exerciasse sobre ele uma discreta vigilância, de modo que, só se ele tentasse fugir, efetuasse a detenção.

Pouco depois da partida desse menino, sua mulher tinha sido açoitada morta, estrangulada. A casa estava, porém, inteiramente fechada por dentro. Não podia ser, evidentemente, um suicídio. Mas, por outro lado não se compreendia como o assassino conseguira entrar e sobretudo sair, pois que havia tranças em todas as portas e todas as janelas achavam-se rigorosamente aferrolhadas.

No entanto, como fora o dr. Lameira, que, por último, falara à mulher, era indispensável que desse prestes depoimento.

O Alves Calado, feita a narração, disse-me que, se eu queria divertir-me com grandes pesquisas policiais, facilmente acharia melhor enigma para exercer a minha sagacidade. E acrescentou:

— A partir das 3 horas, toda a madrugada, o maldito delegado não me deixou paz. Telefonou-me várias vezes. Que sujeito cacete, digno do nome que arranjou! Figure V. que o homem se chama Symphonio Etheocles.

— O Etheocles! — gritei, contente. Que delícia! Parto amanhã de manhã para Papulyh.

E contei ao Alves Calado que havíamos feito juntos o curso secundário e o da Faculdade. Ano por ano, com a maior intimidade, havíamos sempre estado juntos. Nos três últimos anos do estado de Direito, morávamos no mesmo quarto de uma casa de família, que nos dava pensão. Somos íntimos, intimíssimos, intimíssimos.

Fez o escritório e raspou-me para Papulyh, a fim de ver de perto esse negócio.

Poucos minutos depois, telefonava para a remota cidade e falava ao Etheocles:

— Há por aí um hotel, acabei perguntando-lhe, onde a gente se hospedaria?

— Hotel? Tu estás doido. Se vires para cá e tiveres o desaforo de não vir morar comigo, fico mal para toda a vida. Sem contar que te mando prender e espancar-te: para alguma coisa há de servir o sei-delegado.

As 6 horas da manhã havia um trem. As 11 e meia estava nos braços do meu velho amigo.

Quando lhe disse o que a fazer — investigar o crime que ocorrera na véspera — ele achou a ideia de uma extravagância inominável. E acrescentou:

— Mas estou tão contente com a tua resolução que já não lamento a morte de d. Heloisa. E quando esse mistério se esclarecer, aqui te digo em reserva, vou mandar assassinar mais duas ou três pessoas para te dar ocupação.

E estava realmente radiante de alegria.

O Etheocles morava sozinho. Alugara uma boa casa e ali vivia muito simplesmente. Ele fora sempre, aliás, de gostos muito singelos. Com um bom livro, dizia-me, tem-se amante, mulher, filhos, tudo o que se precisa na vida.

Chegamos afinal ao caso policial. O Etheocles o expôs em poucas palavras.

O dr. Lameira morava com a senhora e uma criada. Possavam a vida modestamente e sem mul-

tas desasenhças. Nos últimos tempos, a senhora, d. Heloisa, quasi-xava-se de que o marido ia muitas vezes à Capital e acusava-o de ter uma amante. Mas nada disso a levava a grandes cenas. Este é pelo menos o depoimento da criada.

Ora, há dois dias o médico foi ao Rio. Quando saiu, a criada não estava. Tinha sido mandada à estação levar a valise do patrão e daí à casa de uns parentes de d. Sofia. O médico saiu, bateu a porta, esperou que o vigário se aproximasse — o vigário ia também tomar o trem — e da rua mesmo, em companhia do padre — falou a d. Heloisa. Esta respondeu-lhe. Respondeu também ao vigário.

Seguiram então os dois para o Rio. No trem, ao que garante o sacerdote, estiveram sempre juntos. O dr. Lameira foi para o hotel em que costumava hospedar-se, mas tendo saído à noite, não voltou mais.

Era aliás sempre o que fazia. Não houve, portanto, nada de insolito no seu comportamento.

No entanto, quando a criada voltou da comissão de que fora incumbida, bateu e ninguém respondeu. No fim de certo tempo, vendo que nada conseguia, foi à delegacia e pediu-me que mandasse alguém forçar a porta. Receiava que d. Heloisa tivesse tido algum ataque.

O arrombamento da porta, por onde saiu o médico, foi impossível porque havia por tras uma sólida tranca. Arrombamos uma janela e foi por ela que entramos, porque eu não quis que abrissem as outras portas, senão depois de as ter examinado por dentro.

— E tudo estava realmente fechado?

— Tudo. Não se pode compreender por onde saiu o assassino.

— Algum alcapão no foso do teto, desses que servem para concertar o gás e a electricidade.

— Havia, de fato. Nota, porém, que a casa tem interiormente um pé direito de quatro metros e meio. Só com escada se chegaria lá.

— Escada ou corda...

— Sim; mas o difícil não é isto; a casa está isolada no meio do terreno. De um lado e do outro há jardim. Se o assassino tivesse passado do forro para de lá descer e fugir, teria de aparecer sobre o telhado e seria visto, porque a casa é muito visível de toda parte.

— Mas eu fiz melhor. Assim que se descobriu o alcapão do teto, não consenti que por ele ali se entrasse pelo lado de dentro da casa.

— Porque?

— Porque um forro de casa está sempre cheio de poeira. Se o criminoso por aí tivesse passado, deixaria fatalmente vestígios. Fomos pelo telhado, que examinamos previamente. Era positivo que nenhuma delha fora deslocada. Retiramos algumas bem por cima do alcapão e tivemos logo certeza de que ninguém passara por ele; a camada de poeira estava intacta, mesmo nos pontos de junção da abertura. Positivamente, ninguém penetrou no forro da casa. Tivemos aliada maior certeza disso, quando examinamos o alcapão pela parte de dentro do prédio, porque o teto tinha sido pintado recentemente e a pintura se achava inteira; não fora rachada, como fatalmente teria de acontecer para se abrir o alcapão.

— E de que arma se serviu o assassino?

— Uma toalha, com que estranhou a pobre mulher. Coloquei a toalha ao pé do corpo, e serviu-se dela como de um garrote; torceu, torceu, até que ela não pôde mais agitar-se.

Assim, resumindo, a situação é esta: achava-se uma mulher garrotada em uma casa fechada inteiramente por dentro. Nenhum vestígio do criminoso.

— Quem foi que viu a vítima pela última vez?

— O marido. Quando ele saiu de casa e bateu à porta de entrada, vinha a pouca distância o vigário... Ele esperou na porta e falando à mulher, anunciou-lhe com quem ia viajar. Ela respondeu graciosamente, pedindo ao padre: "Tome conta desse peralta, sr. vigário". Este replicou: "Não

tenha receio, minha senhora". E disse ainda: "Pois então boa viagem". O padre é absolutamente categorico na narração desse diálogo, o marido também.

— Havia então ainda alguma janela aberta?

— Não. A casa é ligeiramente assobradada, para se entrar, sobem-se três degraus. Tudo estava fechado. Esse diálogo foi através das janelas, que são de venezianas. Pode-se conversar perfeitamente com as janelas fechadas, do interior para a rua.

— Movel do crime desconfia-se de alguém?

— Acharam-se gavetas abertas e todas as coisas rotativas. Parece inconcebível que se tratou de um roubo vulgar. Vulgar como roubo, mas extraordinário nos meios de ser efetuado.

— Impressões digitais?

— Pensei também nessa hipótese.

— Tu podias ser delegado em Nova York...

— Mas aqui de que me serviria isso? Em todo caso, antes que alguém tocasse nas chaves e nos puxadores das gavetas, eu os examinaria; estavam intactos, limpinhos e lustrosos, sem nenhum vestígio aparente.

— E que espécie de homem é esse dr. Lameira?

— Um sujeito melífluo, magríssimo, todo cheio de cumprimentos, e de amabilidades excessivas, suando hipocrisia por todos os poros. Ele e a mulher viviam de uma casa que tinham na capital e do que o marido fazia aqui da clínica que não era muito.

— Aparentemente não se pode ver outro movel para o crime senão o roubo. Mas é espantoso que um ladrão tão habil fosse procurar a casa do Lameira, quando há aqui no lugar várias pessoas ricas. Mas, fosse roubo, fosse o que fosse o que eu desejo é saber como é que o criminoso pode ter saído. Creio, no fim de contas, que me interesse menos pelo crime, que por essa sorte de magia, de escabotagem, de burlesquismo.

Vamos ver se as hofotônicas luzes do teu genio policial espancam as trevas desse intrincado caso.

Combinamos que o Etheocles não faria diligência nenhuma sem me levar em sua companhia. Não diria, porém, a pessoa alguma que eu estava também interessado pelo caso; era um amigo que viera passar algum tempo em sua companhia e com quem ele saía, só para distrair-lo.

— Onde está o dr. Lameira?

— Em casa dos parentes da mulher, que habitavam a pequena

distância. Diz que não se sente com animo de morar onde a sua querida esposa morreu. Deixou-me a chave da casa, onde se passou o crime. Quezes ir até lá?

— Eram 10 horas da noite. Na pequena cidade provinciana isso

preocupado com o caso, só lhe respondia por monossílabos:

— Que diabo tens tu?

— Aquele orifício está me preocupando.

— Ora, deixa-te disso, tu acabas ficando com um buraco no meio...

A ordenança caiu no sono. Nas ruas absolutamente desertas, nossos passos ressoavam com um barulho insolito. E o Etheocles falava torrencialmente.

Chegadas à casa, todos se acomodaram prontamente. Meia hora depois só havia uma pessoa acordada: eu. No letto, virava-me e revirava-me incessantemente.

De repente, uma ideia me encheu o espirito. Saí da cama, fui até à do Etheocles e sacudi-o. Ele acordou, sobresaltado.

— Que é? Que é?

— Nós precisamos voltar à casa do Lameira.

— Por que? Ainda será por causa do buraco?

— Isso mesmo! Tu vais ver para o que ele serve...

O Etheocles resignou-se. Quis chamar também a sentinela, mas eu achei inútil. O difícil foi achar um prego, um grande prego, que eu requisitava. Afinal descobrimos um na cozinha e foi uma grande dificuldade arrancá-lo.

Seguimos, enfim. Quando, pela segunda vez, chegamos a casa, foi que expliquei ao Etheocles o que tinha achado.

Expliquei, primeiro, sem palavras, mostrando-lhe como se podia colocar a tranca pelo lado de fora. Olhada a casa do interior, a tranca estava fixada do lado direito. Era exatamente o lado que se trava por último, onde se achava a fechadura. Assim, enfiando um prego pelo famoso buraco, com a tranca suspensa e nele apoiada, bastava, uma vez fechada a porta, tirar o prego: esta assim a tranca e ela entrava justamente no suporte que lhe era destinado.

O que havia a fazer não passava de um pequeno gesto: puxar o prego. Só estando bem perto e prevenido é que um observador estranho daria por isso.

O Etheocles ficou do lado de dentro, eu, de fora, e fiz funcionar a tranca várias vezes, fechando-a sem a menor dificuldade.

Quando voltávamos para casa, ele inquiriu:

— Mas então tu acreditas que foi o Lameira o assassino?

— Acredito, mas ainda não tenho nenhuma prova.

— Em todo caso, acabas de destruir uma das alegações mais fortes que ele apresenta em seu favor. Porque o Lameira faz notar desde o princípio que a existência de uma pessoa estranha estava provada pela circunstância da porta se achar com a tranca.

E fazia observar que a mulher, esperando a criada dentro de poucos minutos e não sendo, como não era, medrosa, não iria fechar-se desse modo.

— Acha que devo acusá-lo e mandar prendê-lo?

— Não calas nessa! É ainda muito cedo. Basta que o vigias discretamente.

Mas no dia imediato, os acontecimentos se precipitaram.

Indo ao telegrafo, a fim de transmitir um telegrama para o Rio de Janeiro, achei a estação deserta. O telegrafista era um velhote muito amável e muito tagarela. Quando me viu entrar, veio correndo do jardim, onde estava trabalhando:

— Perdoo o sr. dr. mas como o trabalho não é muito, estava cuidando do jardim.

Respondi-lhe umas coisas amáveis. Ele tornou:

— O sr. dr. é que está morando com o delegado?

E sem esperar resposta continuou:

— Bom moço, o dr. Etheocles. Mas deve estar bem atrapalhado, com o assassinato de d. Heloisa. O marido, coltado, está sucumbindo.

— E que tal o dr. Lameira?

perguntei.

O velhote expandiu-se em elogios. Que era muito fino, muito delicado.

— Vinha aqui todos os dias. Ainda na véspera do crime conversamos muito.

— Tinha então muitos negócios, o dr. Lameira?

— Não, senhor, mas ele não queria que os seus telegramas lhe fossem levados em casa. Vinha (Conclui na 6.ª página).



De MEDEIROS E ALBUQUERQUE

— Não. A casa é ligeiramente assobradada, para se entrar, sobem-se três degraus. Tudo estava fechado. Esse diálogo foi através das janelas, que são de venezianas. Pode-se conversar perfeitamente com as janelas fechadas, do interior para a rua.

— Movel do crime desconfia-se de alguém?

— Acharam-se gavetas abertas e todas as coisas rotativas. Parece inconcebível que se tratou de um roubo vulgar. Vulgar como roubo, mas extraordinário nos meios de ser efetuado.

— Impressões digitais?

— Pensei também nessa hipótese.

— Tu podias ser delegado em Nova York...

— Mas aqui de que me serviria isso? Em todo caso, antes que alguém tocasse nas chaves e nos puxadores das gavetas, eu os examinaria; estavam intactos, limpinhos e lustrosos, sem nenhum vestígio aparente.

— E que espécie de homem é esse dr. Lameira?

— Um sujeito melífluo, magríssimo, todo cheio de cumprimentos, e de amabilidades excessivas, suando hipocrisia por todos os poros. Ele e a mulher viviam de uma casa que tinham na capital e do que o marido fazia aqui da clínica que não era muito.

— Aparentemente não se pode ver outro movel para o crime senão o roubo. Mas é espantoso que um ladrão tão habil fosse procurar a casa do Lameira, quando há aqui no lugar várias pessoas ricas. Mas, fosse roubo, fosse o que fosse o que eu desejo é saber como é que o criminoso pode ter saído. Creio, no fim de contas, que me interesse menos pelo crime, que por essa sorte de magia, de escabotagem, de burlesquismo.

Vamos ver se as hofotônicas luzes do teu genio policial espancam as trevas desse intrincado caso.

Combinamos que o Etheocles não faria diligência nenhuma sem me levar em sua companhia. Não diria, porém, a pessoa alguma que eu estava também interessado pelo caso; era um amigo que viera passar algum tempo em sua companhia e com quem ele saía, só para distrair-lo.

— Onde está o dr. Lameira?

— Em casa dos parentes da mulher, que habitavam a pequena

equivalia a ser alta boca. Não havia uma casa aberta, uma casa iluminada.

Fiz notar esse fato ao Etheocles. Ele, porém, assegurou que ali estava a vantagem. Acordaria sua ordenança e seguiríamos. A residência era bem iluminada a electricidade, podíamos portanto examinar as coisas minuciosamente.

Pomos. A casa era modesta, mas de boa aparência. Estava muito bem arrumadíssima. Sentia-se nela o zelo de uma boa dona de casa, que tanto aproveitava para dar beleza e graça ao seu ninho.

— Gostei tanto, examinando cada porta, cada janela. Por fim, voltei à porta da sala. A tranca era boa, sólida: era das que são presas de um lado e caem do outro lado sobre um suporte, que tem mais ou menos a forma de "T" malacido, voltado, porém, para a parede. Porque o primeiro problema que procurei resolver foi o de saber como alguém poderia ter saído da casa, estando ela fechada por dentro.

A circunstância de que estava examinando a casa de noite e ela se achava bem iluminada — trouxe o primeiro ralo de luz ao meu espirito. Foi um ralo de luz, quer no sentido real, quer no figurado.

Em certa ocasião, estando o Etheocles do lado de dentro e eu do de fora, ele fechou a porta. Ora, exteriormente a noite estava escuríssima. Isso me permitiu notar que havia um orifício na porta, pouco acima da tranca. Um ralo de luz passava claramente por aí.

Que podia querer, aquilo dizer?

O Etheocles achou que o caso não tinha importância: algum garoto que verroumara a porta para espionar. A terra, dizia ele, era de gente muito bisbilhoteira.

No momento em que eu via a luz coar-se pelo orifício, confesso que também não tive ideia muito exata do valor da descoberta. Foi um pouco instintiva, um pouco inconscientemente que senti a impressão de que o caso não era destituído de valor. Por que? Não o saberia dizer.

Pouco depois, fechamos tudo e seguimos. O Etheocles depois que eu chegara, estava tão contente que não podia conter-se: falava, falava, falava... Nessa noite ele estava assim. Eu, ao contrario,

O ASSASSINATO DE DONA HELOISA

(Conclusão da 5.ª pag.)

aqui ver se havia alguma coisa todas as manhãs.

E continuando: — O dr. snob, telegramas são quase sempre mais notícias e ele queria poupar qualquer choque a da Heloisa.

Conversamos muito tempo ainda. Passaram-me, entretanto, que valeria a pena conhecer os telegramas recebidos nos últimos tempos. E falei nisso ao Ethecoles.

Ele me respondeu: — Homem ilegal e subversivo; tu não sabes que a Constituição garante o segredo epistolar e telegráfico?

Mais deixando os graciosos de parte, foi ao agente e pediu-lhe uma cópia dos telegramas recebidos e enviados pelo Lameira, últimas 15 dias. O agente achou a coisa naturalíssima. Não teve nenhuma da profunda irregularidade que ia cometer.

Quando o Ethecoles recebeu as cópias, viu que os telegramas não eram muitos: três do Rio de Janeiro, um do Amazonas. Ele não telegrafara a ninguém.

Os três do Rio não tinham assinatura. O homem era prudente: adentrara o selo, ou mais provavelmente, a sua correspondente... E era evidente que se tratava de pedidos de dinheiro. Dizia o primeiro: — "Nada recebido. Urgente providenciar". O segundo mais explícito: "Isto se vence depois de amanhã. Necessário agir". Por fim, o último: — Segui instruções. Consegui adiantamento por dois meses".

O telegrama do Amazonas, recebido dois dias antes do crime, era extremamente breve: "Morrer ontem Manuel Pedro. Pesames. Assinado: Júlio Gomes, chefe de polícia".

Como indício, não valia nada. Em todo caso, os três primeiros telegramas provavam que o dr. Lameira estava de finanças muito atrapalhadas.

Em que, porém, a morte da mulher alteraria essa situação?

Quem seria aquele Manuel Pedro?

Eu não tinha ainda visto o médico. Ele fora interrogado na véspera da minha chegada, declarando que ia morar na casa dos parentes da mulher até que se encerrassem o inquérito e viria só quando fosse chamado. Estava abatido, sucumbindo de dor.

Como, aos olhos de todos, era apenas uma vítima da fatalidade, um pobre homem cuja mulher fora assassinada por um bandido desconhecido, não havia incorregido nenhuma em que o Ethecoles o fosse visitar. E foi isto o que lhe aconselhei. Pedi-lhe que me levasse, em sua companhia.

O dr. Lameira estava de luto, um luto pesado. Visivelmente abatido.

Os parentes da mulher nos informaram que ele quase não tomava alimentos. Demais, trazia a barba por fazer desde o dia do trágico sucesso. Fazia pena.

Quando o Ethecoles me apresentou como um amigo que viria passar algum tempo em sua companhia, tive uma inspiração. Disse-lhe muito a sério:

— Alias, eu creio que nós já fomos apresentados... há muito tempo pelo Manuel Pedro...

— Ah! o senhor conheceu meu sogro?

— Que é feito dele? Inquiri contente com a descoberta que acabava de fazer.

— Está em Manaus.

— Bom, rico, forte? indaguei ainda.

— Creio que sim, aquilo é homem para durar com anos ou mais.

O Ethecoles não cabia em si de espanto. Desviei a conversa, procurei ser amável. Falando do crime, o dr. Lameira me disse o que havia de horrível, ao pensar nas últimas palavras da mulher tinham sido um gracejo afoso. E insistia muito em lembrar a resposta da mulher, de dentro para fora da casa, com ele e o vigário.

Afinal saímos... O Ethecoles assim que nos afastamos um pouquinho, foi logo interrogando:

— Que tal achas a situação?

— Magnífica. O cerco vai se apertando. Nós sabemos agora que o dr. Lameira estava com a vida muito embaracada. Uma mulher, provavelmente a amante, lhe pedia dinheiro e ele não tinha para dar-lhe. Obteve apenas a reforma de uma letra para dois meses depois. Nesse intervalo, morreu-lhe o sogro. Como tu viste, ele quis passar por ignorar o fato. Por quê? Algum motivo deve haver... Mas isso eu tiro a limpo hoje mesmo.

— Há evidentemente nessa atitude do dr. Lameira alguma coisa de suspeito. Mas ainda não se vê razão alguma de interesse na morte da mulher.

— Espera um pouco, rapaz. Vamos esperar o que nos mandarão dizer do Amazonas.

E redigi um telegrama ao chefe de polícia de Manaus.

Reservado. Interesse justiça levam-me pedir vossa excelência favor telegrafar-me informações mais completas possíveis sobre Manuel Pedro, falecido ai dia 22 do corrente. Saudações cordiais. E agora tu assinas aqui. Ethecoles, delegado polícia Papunty.

Com 100 palavras de resposta paga, o telegrama partiu.

No desejo de aproveitar o dia, atirei-me a indagar se haveria no lugar alguém que fosse amigo íntimo do Lameira.

Tive a surpresa de saber que ele era muito arredio, muito esquivo. Não havia ninguém que pudesse merecer aqueles títulos. Tinha, entretanto, um inimigo, o dr. Caldas.

Rivalidade profissional? Certamente. Os dois se detestavam.

Ora, precisamente o dr. Caldas foi procurar o Ethecoles pelo mais banal dos motivos: porque a rua onde vivia estava infestada de garotos que jogavam o futebol durante todo o dia e já lhe haviam quebrado diversas vidraças de suas janelas. Queria providenciar contra isso. O Ethecoles prometeu.

O médico se demorou algum tempo conversando e não foi difícil levar a conversa para o grande crime local. Ele desabriu-se, falando do colega: que era um canalha, que afinal quem mais lucrara com o caso fora a mulher, porque, antes morrer do que viver na companhia daquele bandido.

O Ethecoles o moderou: — Qual, dr. Caldas, o sr. exagera: o vigário, por exemplo, o apreciava muito.

O vigário deixa-se enganar. O Lameira faz-lhe a corte porque a terra é de gente muito religiosa. Adulando o padre, o Lameira obtém que este, assim que sabe que alguém está doente, vai visitá-lo e chegando lá, indique o santo, o piedoso dr. Lameira.

A rivalidade profissional exibiu-se claramente. Mas, fosse como fosse, tive vontade de ouvir o vigário, e lá fomos, a simples título de visita.

O vigário nos recebeu muito bem. Expandiu-se em elogios ao médico. Contou que o conheceu quando ele era aluno de um colégio religioso da vizinhança, o Colégio de S. José, de onde disse macabrilhas e que me inclinou a ir ver. Sobre o crime não nos adiantou coisa alguma.

Ao sairmos dali, nada tinhamos a fazer. Ninguem pensaria jamais em tornar Papunty um centro de turismo. Em meia hora corramos todas as belezas da terra.

Assim, estudando os vários meios de encher o tempo, até que viesse o telegrama do Amazonas, pensamos em visitar o colégio religioso, que ficava a duas horas de distância, a cavalo. E fomos. O dia estava sombrio e fresco. O passeio era agradável.

E Ethecoles não compreendia que ninguém se interessasse pela descoberta de crimes. A literatura policial nunca o seduzira. Conan Doyle lhe parecia um idiota.

E Edgar Poe?

Desse ele só conhecia a poesia mais bonita — o "Corvo". Nunca lera seus macabrilhas contos policiais.

Chegados ao colégio fomos admiravelmente bem recebidos. Corremos o edifício. Vimos os alunos em classes.

Acabamos na secretaria, conversando com o diretor, um velho padre muito amável, de muito boa memória. Falamos-lhe no Lameira. Lembrava-se muito bem.

— Bom menino?

— Muito bom! Só o que tinha de mau era ser um pouco sonso. Mas inteligente e aplicado. No fim do ano era sempre o "número de maior sucesso nas nossas festinhas..."

E dirigiu-se a uma gaveta, em que havia por fora marcado: "fotografias". Fez o cálculo do ano em que ele saltou do estabelecimento, procurou e tirou de lá dois exemplares do retrato de um grupo de alunos, como tinham sido fotografados no fim de uma pequena representação, com que os trabalhos haviam sido encerrados. Na primeira fila estava o Lameira tendo ao colo dois grandes bonecos, um em cada joelho. E explicou-nos. Os bonecos eram como os que usam nos seus espetáculos os ventríloques, que os fazem dialogar. O Lameira tinha um verdadeiro talento de ventríloquo.



"VELEIROS" — Aquarela de Simon Rogatin.

Quando o padre disse isso, quase me precipitei a beijá-lo. Pedi-lhe um exemplar da fotografia. Ele foi à gaveta verificou se ainda havia outros e, como encontrou, satisfez o meu pedido.

Aí saiu, eu estava adiantado. O Ethecoles compreendeu a importância do caso e perguntou-me:

— Posso então pregar o homem?

— Creio que sim, mas deixa ver o que vem do Amazonas. Durante a viagem fomos calados. Calados, mas contentíssimos.

Ao chegarmos à casa, a ordenança nos disse que o dr. Lameira tinha estado lá: ia a despedir-se, porque ia partir para a capital pelo trem da noite. O Ethecoles murmurou entre os dentes:

E' um engano...

E a ordenança acrescentou que havia um telegrama. Enabou estivesse endereçado a ele, o Ethecoles mo passou, dizendo que o caso era antes comigo. E disse a ordenança que fosse para ao dr. Lameira para vir falar-lhe por um instante.

O telegrama dizia assim: "Manuel Pedro Mendonça grande caudista, morreu fazetemente, deixando fortuna superior a 2000 contos. Filha única recitante ai, casa do dr. Lameira, a quem já participo fato. Saudações".

O Ethecoles não cabia em si de contente:

— Sim, senhor, amigo Sherlock.

Você fez um bonito!

— Mas você não se refina de modo algum à minha participação no caso.

— Quer dizer que o pávio erde as penas à galinha, sem que ela as pegue.

E o Ethecoles ia protestar, quando vimos o dr. Lameira, que se aproximava. Estava barbeado, cortado; mas com uma fisionomia apreensiva. Disse-nos que ia por uns dias à capital, mas voltaria assim que fosse chamado. O Ethecoles, que não lhe tinha apertado a mão, fingindo não ver

a que ele lhe estendia, respondeu-lhe calmamente:

— O dr. não poderá partir... Nós descobrimos o assassino de sua senhora.

O Lameira teve um sobressalto:

— E quem é, quem é?

O Ethecoles foi admirável. Voltou-se e disse-lhe:

— O assassino estava em grandes apertos de dinheiro, sobre o por causa de uma amante. Conseguiu apenas, a reforma de uma letra... Nisto chegou-lhe a notícia da morte do sogro, no Amazonas...

Eu intervim, perversamente:

— Precisamente o Manuel Pedro, de quem falamos ontem...

O Lameira olhou-me atônito...

O Ethecoles continuou, implacável:

— Veio-lhe daí a idéia de matar a mulher para ficar herdeiro único?

O Lameira teve ainda um sobressalto de defesa:

— Mas quando eu saí, ela estava viva; a porta foi trançada por dentro...

— Para fechar a porta, parecendo ser por dentro, bastava sustentar a tranca com um prego, que se retirava do lado de fora...

— Mas ela falou, falou com o vigário...

— O assassino se lembrou dos seus talentos de ventríloquo, que tantas vezes exibiu no colégio...

E adiantou para ele a fotografia da festa escolar.

O Lameira teve um gesto de terror.

O que se passou então foi rápido, foi instantâneo, foi fulminante... Num momento, ele sacou do bolso um revólver e deu um, dois, três tiros na cabeça...

Quando nos precipitamos, era tarde...

Nessa mesma noite, a despeito dos protestos de Ethecoles, eu voltei. Na estação, ele me disse sorrindo:

— Vou mandar assassinar alguém, só para tal voltares...

E eu lhe repliquei:

— E' inútil eu já sei quem é o assassino; és tu...

CAIO E CAIA

Novela de
HENRIQUE SIENKIEWICZ

(Autor do "Quo Vadis?")

III

— Oh, então o que vale mais na vida?

— E o que esperas depois da morte?

— Mas que diferença há então, ho, Timone, entre tu e os céticos?

— Os céticos aceitam a treva que lhes invade a alma e fingem de estar contentes. Eu, ao contrário, me torturo e não o enebro...

— E não conheces, Timone, um caminho de salvação?

— Espero-o.

— Espero-o.

— De onde?

— Não sei.

Timone apoiava a cabeça na palma da mão, com um gesto cansado e doloroso, e, no silêncio daquela hora solene, pôs-se a dizer com voz submissa:

— E' bem estranho! Há mo-

te aos braços do prazer e eu com as indagações e as lutas da ideia. Mas a treva que se espessa, como nevoa impenetrável, não se desfaz e os raios do sol não a penetram. Consola-te portanto, com o pensamento de que não estás só no tormento que te aflige. Junto à tua, tortura-se e chora a alma do mundo.

Timone calou-se, absorto e comovido, e depois perguntou:

— Desde quando, Gínia, não acreditas nos deuses?

— Em Roma sacrificava-se aos deuses na praça, diante da plebe. Novos deuses chegam diariamente da Ásia e do Egito. Mas quem acredita neles? A fé só subsiste ainda puríssima na alma dos camponeses que vivem longe da corrupção da cidade imensa.

— E estes, no entanto, são felizes e tranquilos.

— Assim como os que se inclinam e adoram os animais e os legumes.

— E como aqueles que, iguais aos jumentos saciados, desejam o sono e o repouso.

mentos em que eu penso que o mundo não devia conter nada mais daquilo que nós vemos e nós não deveríamos poder aspirar a atingir sempre o mais alto, o mais alto... Assim, certamente, a dúvida não se afeerraria, revolvendo-se no ignoto, indago entretanto, e espero achar uma saída. A fé na filosofia e no Olimpo está acabada, mas eu creio que uma nova verdade nascerá, verdade que também desconheço.

Cínia experimentou um grande alívio e nova esperança com as palavras de Timone, e pensando nos outros tantos que sofriam igualmente, pareceu-lhe que se sentia mais calma nos outros tantos que sofriam igualmente, pareceu-lhe que se sentia mais calma na sua dor, como se lhe tivessem tirado de sobre as costas um enorme peso e o dividissem entre muitos...

Desde aquela noite, a amizade entre o jovem romano e o velho Timone foi-se estreitando cada vez mais.

Frequentemente juntos, davam-se entre eles uma contínua troca de idéias. Cínia, de resto, não obstante os desgostos sofridos e a triste experiência da

vida, era muito moço. O mundo tinha para ele recantos ainda desconhecidos que poderia desvendar. E um deles, apenas entrevisto num sonho e inesperado, ele encontrou justamente na filha de Timone, cuja fama em Alexandria não era menor do que a do pai. Por ela, os nobres romanos, hóspedes da casa de Timone, nutriam uma sincera e reverente adoração; adoravam-na os gregos; adoravam-na os filósofos de Sora; adoravam-na o povo.

Timone, afastando-se dos usos da época, não a tinha recluso no Gineceu e mantinha-a em sua companhia e educava-a na sã escola da própria ciência.

Moça ainda, lia com o pai trechos gregos, romanos e hebraicos — conhecendo as diversas línguas — cujo ensino era muito propagado em Alexandria. Possuía além disto memória excelente e vastíssimos e profundos eram os conhecimentos adquiridos com o pai, com cujos pensamentos era absolutamente solidária.

Tomava muitas vezes parte nas discussões, tanto na casa de Timone, como durante os festins.

Nos labirintos da filosofia nunca se perdia, antes, como Ariana, servia de guia nos caminhos.

(Continua)

TINHAMOS acabado de jantar e a tarde caía suave e tranquila, quando o singular veimista começou a contar a estranha história.

— O nome do lugar é pouco interessante; não dá a menor ideia do encanto emotivo e triste que se emana de seu horizonte e seus aspectos. É lá nos confins da península bretã, um recanto, que vive com três séculos de atraso. É bastante dizer-lhes que, com exceção do professor público, do vigário e do cobrador de impostos, a população só fala o rude dialeto galego, sem conhecer uma só palavra de francês. Quanto à região, parece um desenho alucinado de Gustave Doré, um areal deserto, com vegetação rasteira e espinhosa; mar de um lado e outro e à frente. No fundo um promontório com encostas a pique mergulhando nas ondas, um bloco de granito altaneiro e vertiginoso tendo no cimo as ruínas de um castelo que data da Idade Média.

Essas ruínas são, profundamente impressionadoras não só pelo aspecto rebambativo do castelo como pela monstruosidade dos estragos, que o mutilaram.

Na aldeia mais próxima correm duas versões diversas sobre o flagelo que o arruinou. Dizem uns que foi um raio, que caiu sobre ele. Outros afirmam que foi o mar que, num dia de furor nunca visto, ergueu até ali uma onda gigantesca.

Vão lá saber onde está a verdade. Mas o caso é que é cortado ao meio, nitidamente cortado por uma brecha, que o lacera do alto da torre até aos alicerces como se houvesse caído sobre ela a espada gigantesca de um titã.

E esse lugar chama-se simplesmente Men! Francamente quem o batizou era muito desprovido de imaginação.

Como todo o castelo bretão, esse tem sua lenda, que as velhas da aldeia contam, benzendo-se repetidas vezes.

Dizem elas que o senhor deste castelo era loucamente apaixonado por caçadas e vinhos e, além disso, crente; sem temor nem a Deus nem ao Demonio.

Um dia, já muito embriagado e deitado em seu leito senhorial, teve a fantasia de beber mais e beber no cálice sagrado da missa, na própria capela do castelo. Em vão o capelão, para exorcizá-lo, passou em seu pescoço um rosário com contas de oliveira polidas pelos dedos de muitos fiéis em orações; em vão ameaçou-o de anatema; o fidalgo telmou em ir à capela e bebeu o vinho do sacro officio; depois, para completar o sacrilegio, tirou o rosário do pescoço e passou-o nos chifres de um cabrito que encontrou pastando no pátio.

Na noite seguinte, o fidalgo, depois de ter adormecido, despertou em sobressalto sem saber porque e viu nos pés da cama um vulto, que o fez tremer de pavor. O cabrito, que ele encontrara na véspera, estava ali de pé, fitando-o com seus olhos verdes e luminosos. E entre seus chifres iluminado por uma cruz de fogo, o rosário balançava-se ainda.

O fidalgo tremer ante essa visão mas logo, recordando a coragem, apanhou uma lança, que estava junto ao leito e lançou um golpe vigoroso contra o animal fantomático. A arma sibilon nos ares, fez a cruz vacilar entre os

O CONTO ESTRANGEIRO

Nada de novo

De ANDRÉ ARMANDY

chifres e foi se enterrar na parede.

Furioso, o fidalgo saltou do leito, para empunhar outra lança, mas a diabolica aparição, num salto prodigioso, atravessou a larga vidraça da janela e foi parar no caminho da ronda. O castelo vestiu-se, cingiu sua espada e saiu em sua perseguição.

cenário mudado. A Lua, já muito alta parecia, agora, pequenina e sua luz se tornara escassa, brumosa. Todo o horizonte estava cheio de nuvens e o mar agitava-se com furia. E a impressão do arrepiro persistiu em mim. Não sou um poltrão, mas senti como se uma pedra de gelo me pesasse sobre a nuca.

Tendo examinado cuidadosamente meu fuzil, presenciei todos os caminhos do horizonte desejando ver aparecerem os contrabandistas para que um perigo real, com gente de verdade, viesse tirar meu espirito daqueles terrores sem causa.

Tudo estava deserto e quieto.



Três dias depois, encontraram preso aos juncos do charco, que precedia o mar, o rosário miraculoso e a espada do fidalgo. Quanto a ele e ao cabrito, nunca mais foram vistos por ente humano.

Foi no Natal seguinte que o mar, erguendo-se em furia, abriu o castelo de meio a meio.

Pois, muito moço ainda fui uma vez designado para passar a noite nesse castelo. Mas não era para espreitar se havia ali fantasmas; o que eu tinha a vigiar eram entes reais e bem mais perigosos: contrabandistas. Tinha que passar a noite ali de sentinela para dar alarma se tentassem um desembarque por aqueles lados.

Envolvido em um capote, sentado na cavidade de um rochedo, com o fuzil atravessado sobre os joelhos, fiquei muito quieto, resignado à monotonia vigília.

As horas passaram eguais e tranquilas. Rumores... apenas o trinar de um grilo não sei onde, muito perto de mim; o coaxar de rãs e ribombar distante das ondas. Quando a lua surgiu enorme, parecendo ter brotado dos juncos do charco, o mar, todo iluminado, tornou-se um cenário de magica beleza. Houve então em toda a paisagem, que me cercava um encanto tão doce que eu me senti calmo, uído, confiante.

Do posto em que me conservava, dominava ao mesmo tempo o areal e o mar. Ninguém podia aproximar-se do litoral ou andar por ele sem ter visto por mim. Conquistado por essa segurança, fechei os olhos. Terei adormecido? Por quanto tempo? Ou terei deixado meu espirito vaguear em um sonho deserto?

Sei apenas que fui sacudido por um arrepiro e, abrindo os olhos vi todo o

Para repelir essa impressão, ergui-me e caminhei de um lado para outro, com as mãos crispadas sobre o fuzil e um dedo no gatilho.

O ruído de meus próprios passos fez-me estremecer como a ameaça de um terrível perigo. Tropecei num montículo de terra e quase caí, tão tropeças tinha as pernas.

Pouco depois o nevoeiro começou a cair tão espesso que, ao fim de meia hora, eu só pude caminhar, servindo-me do fuzil como de uma bengala.

Tentei cantarolar para dissipar o medo atroz e inexplicável, que me enregelava o coração. Caminhei martelando o solo com meus grossos sapatos, para sentir bem ao contato da terra a segurança, que me fugia. Mas como vencer o terror no meio de nevoeiro que não me permitia ver a um metro de distancia?

Continuando a me adiantar assim, deixei, sem dar por isso, a beira do promontório e segui entre duas fileiras de arbustos raquíticos.

A irrequietação de meu corpo e de meu espirito levou-me a insistir em uma canção de regimento, que cantarolava sem cessar, mas minha voz era entrecortada, lamentosa e tremula.

De subito o solo faltou entre meus pés e enterrei-me até os joelhos em areia mole e húmida. Um grito se ergueu de minha garganta afinal libertada.

Tirei-me dali dificilmente, servindo-me do fuzil como de um ponto de apoio e tendo encontrado imediatamente a borda do promontório, voltei um pouco à calma.

De resto, a ventania, vindo do alto mar, dissipava a bruma e tudo se tornou mais nitido em torno de mim.

Voltei-me então para as ruínas do castelo, que, vistas assim, de perto, pareciam ainda mais imponentes. A brecha abria seu precipício no meio da sala dos guardas e de onde eu estava podia ver bem a espantosa espessura das muralhas. Ao lado havia uma torre intata, rodeada por uma escadaria que a circundava como num abraço.

Não sei que tentação me deu. Comecei a subir essa escada. Chegando ao primeiro andar da torre, encontrei uma sala circular com duas janelas nas quais grossos varões de ferro formavam cruzes perfei-

tas. Com as mesmas precauções, empreendi a ascensão do 2.º andar, onde havia um terraço. Quando ia chegando a uma porta estreita, que dava para esse terraço ouvi um grunhido apavorante e um vulto em forma de cruz precipitou-se sobre minha cabeça.

Curvei-me num gesto de medo irrepresentável e aquilo passou, batendo em minha fronte com um gesto mole.

Meu terror foi tal que deixei cair o fuzil pela escada abaixo.

Sómente passados alguns instantes de horror infinito consegui ver claro e compreender. O vulto caíra pesadamente sobre a muralha do 1.º andar e ali ficara imóvel, fitando-me com os olhos muito brancos.

Era uma coruja, que eu assustara com minha chegada intempestiva.

Envergonhado, mas ainda tremulo e cambaleante, desci a escada apanhei meu fuzil e voltei ao caminho do promontório. Mas apenas aí pus os pés, ouvi passos. Detive-me apurando o ouvido.

Sim... Não havia dúvida... Vinha pela encosta mais de uma pessoa com sapatos ferrados.

Então, meus nervos, já superexcitados, provocaram em todo o meu ser uma explosão de susto e celera ao mesmo tempo.

Manobrando nervosamente a culatra do fuzil, urrei como um doido.

— Alto aí!... Alto aí, senão faço fogo!

— Bom... bom... — respondeu-me uma voz zombeteira — Então não se reconhece a guarda? É natural. A primeira noite de vigia sempre agita um pouco os nervos... Que é o que houve?

Então, eu reconhecendo o sargento, juntei os calcanhares em continência e dominando-me, sabe Deus com que esforço, respondi:

— Nada de novo, sargento.

Porque eu fora nomeado guarda aduaneiro dias antes, não queria "fazer feio" logo na primeira noite de guarda e afinal, nesse noite, não se passara coisa alguma... pelo menos coisa que se pudesse consignar na ordem do dia.

HINO À BELEZA

CHARLES BAUDELAIRE

Vens do fundo do céu ou do abismo, ó sublime Beleza? Teu olhar, que é divino e infernal, Verte confusamente o benefício e o crime, E por isso se diz que do vinho és rival.

Em teus olhos retens uma aurora e um ocaso: Tens mais perfumes que uma noite tempestuosa; Teus beijos são um filtro e tua boca um vaso Que tornam fraco o herói e a criança corajosa.

Sobes do abismo negro ou despensas de um astro? O Destino servil te segue como um cão; Semelas a desgraça e o prazer no teu rastro; Governas tudo e vais sem dar satisfação.

Calcando mortos vais, Beleza, entre remoques; No teu tesouro o Horror é uma joia atraente, E o Assassínio, entre os teus mais preciosos berloques, Sobre o teu ventre real dança amorosamente.

A mariposa voando ao teu encontro, ó vela, "Bendito este clarão!" diz antes que sucumba. O namorado arfante enleando a sua bela Parece um moribundo acariciando a tumba.

Que tu venhas do céu ou do inferno, que importa, Beleza! monstro horrendo e ingênuo! se de ti Vêm o olhar, o sorriso, os pés, que abrem a porta De um Infinito que amo e jamais conheci?

De Satã ou de Deus, que importa? Anjo ou Sereia, Se és capaz de tornar — fada dos olhos leves, Ritmo, perfume, luz! — a vida menos feia, Menos triste o universo e os instantes mais breves?

(Tradução de GUILHERME DE ALMEIDA)

Conhecendo as fascinantes belezas

Do Rio de Janeiro ao Amazonas — Um roteiro de maravilhas e sensações —

ROLANDO DE SERIGI
(Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe)

artérias da circulação urbana. Da sua visita, indelévelmente gravados ficaram os encantos da Praia de Iracema com areia de uma brancura imaculada,

Mais dois dias foram cobertos por nuvens trepidamente cansáveis, que agam sobre um mais verde-azul, coloração parda, sentir que a beca neana do colosso não muito longe. Na altura do Salinas, embarcamos na embarcação típica da embocadura do Amazonas. E, quando o navio penetrou

de alta — em comparação com a inferior — cidade baixa — deixa transparecer que recebeu maior parcela de progresso. A rua Chile, com seus modernos arranha-céus, a pitoresca praia da Barra, com o imponente farol, a praia de Amaralina, com sua enorme extensão, bem demonstram quão prodiga foi a natureza e quão perfeito o seu aproveitamento pelo homem.

contempla uma sensação poética, em franco contraste com o fervilhar ininterrupto da cidade durante o dia. Olinda, a filha de Recife, jaz a seu lado, no justo propósito de aumentar-lhe os mil encantos, quer nas verdes folhas de seus inúmeros e esguios coqueiros, quer no marulhar contínuo de sua aprazível pralazinha.

A viagem continuou, ao raiar do oitavo dia, prô-

LINDÍSSIMA manhã carioca. O gigante de ferro, atracado ao cais Mauá, chaminés lançando grossos rolos de fumaça negra, aguardava, ansioso,

geiros que nos deveria conduzir às caudalosas águas do majestoso e inigualável rio-mar, o nosso famoso Amazonas. Oito horas depois dobrou Cabo Frio e seu

interrogativa, sem lua, de uma obscuridade absoluta para além, no horizonte...

Entre céu e mar, dois dias se escoaram e o navio, na sua indiferença metálica, continuou a devorar a distância por sobre aquela imensa superfície de água.

Na manhã do terceiro dia, passou pelos Abrolhos e, às primeiras horas do dia imediato, já se avistavam, ao longe, as pitorescas e verdes costas do litoral baiano. À tarde, defrontou a conhecida ilha de Itaparica e a seguir penetrou no porto da primitiva capital do Brasil. Hora mais tarde, ancorou em frente à grande cidade do Salvador, ressaltando às vistas do mar os dois frisantes planos da capital da boa terra, ligados por elevadores e planos inclinados. O navio partiu na

E a viagem prosseguiu entre céu, mar e uma branca e infindável faixa formada pelas alvas dunas de areia que margeiam a costa. Nessa região, o mar se caracteriza pela forte cor azul-anil.

Sobreveio a noite e, com ela, brilhante luar de uma lua de prata.

Ao escurecer do dia imediato, atracou o navio ao cais de Recife. A não menos formosa e progressista capital pernambucana resplandecia de luz, fazendo lembrar a feliz denominação de "Pérola do Norte" e, ao percorrê-la constata-se, ainda, a justiça da alcunha felicíssima de "Veneza Brasileira", pois, o Beberibe e o Capeberibe, com suas magníficas e artísticas pontes, tipo pensil, emprestam-lhe um aspecto inteiramente original, que não se encontra nas demais cidades do país. Os reflexos cintilantes da farta iluminação nas tranquilas águas dos rios proporcionam a quem os

voltada para o Norte. Distinguiam-se no horizonte longínquo a estreita linha escura do litoral de Pernambuco e Rio Grande do Norte.

Ao cair da noite, ao passar diante de Natal, vislumbramos uma infinidade de pequeninos pontos, tremeluzentes, materializando a parte alta da interessante capital potiguar. Ao despontar da aurora, foram ultrapassadas as famosas salinas de Macaú e Areia Branca, apenas assinaladas pelo alvíssimo traço de suas imensas dunas.

As primeiras horas do décimo dia, chegamos a Fortaleza, ancorado o nosso barco defronte à cidade, de modo a podermos descorinar o conjunto harmonioso e belo de suas modernas edificações.

Após um difícil desembarque, tem-se por ponto inicial obrigatório, para percorrê-la, a praça do Ferreira, coração da cidade, de onde se irradiam as

os grossos e pequenos coqueiros repletos de cocos, as tradicionais jangadas descansando das grandes navegadas e os lindos e modernos "bungalows", contrastando com os pequeninos e paupérrimos casebres de pescadores, mantidos nos bosques de coqueiros, como a quere-rem fugir às vistas curiosas, na modestia de sua humildade infinita.

nhã do decimo a paisagem de um de to inenarráveis ilhas, de forma tilham o colobrigando o crever uma para conto, quase as tocando ao lado, prova a perdo atletico. Umas al

Vista da Praça da Paz, em Afogados, no Recife



Palácio Serigy (Aracaju)

que se destacassem, daquela imensa mole humana em agitação ao seu lado, os que deveriam se recolher ao seu monstruoso bôjo. E, então, a um rouco apito de partida, crispou, com as suas hélices propulsoras, a superfície tranquila da baía maravilhosa, rasgando, celere, as entranhas líquidas do oceano num desafio mecânico ao salso elemento.

... E os multicóres lençóis, acenados do convés, eram respondidos por outros que no cais ficavam...

Caldeiras arfando, balouçando-se nas irrequietas ondas do Atlântico, atravessou a barra, rumo ao Norte, o possante e confortável navio de passa-



Palácio da Justiça, em Recife

ultrapasse foi caracterizado pelo movimento mais violento das vagas. A primeira noite chegou, saudosa,

madrugada seguinte, permitindo rápida visita à progressista urbs.

A parte superior — cida-

Trindade unigênita

(A TÍTULO DE CURIOSIDADE)
PEDRO DE MELLO CARVALHO

Viver, — Só para amar,
Amar, — Ao mundo eu vim
Gozar, — A vida é assim!...
Sofrer, — Para gozar!...

Enfim, — No Amor eu cri;
Querida, — A vida em flor,
A vida, — A luz do amor,
E assim, — Bem a senti!...

Amar, — Amei demais!...
Gozar, — Quero toda mais;
Sofrer, — Se a vida é assim!...

Chorar, — Por fim chorar,
Penar, — Muito penar!...
Morrer, — Morrer por fim!...

Eu quero, embora eu pene;
Viver, só para o amor!...
— Que o gozo me condene;
— Eu sofro sem temor!...

Entrou-me de repente
No fundo do meu peito,
A luz do amor somente,
Num íntimo respeito!...

Amar demais faz mal?
Gozar na terra é crime?
Crimine então o amor!...

O meu amor fatal;
Se o meu penar redime...
— Bendigo a morte e a dor!...



Igreja da Bahia, numa fotografia de Frank Urban

Farol da Barra, na Bahia

Escinantes belezas do Brasil

eiro de maravilhas e sensações — Reminiscencias de viagem

ROLANDO DI SERIGI
(Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe)

artérias da circulação urbana. Da sua visita, indelévelmente gravados ficaram os encantos da Praia de Iracema com areia de uma brancura imaculada,

Mais dois dias de viagem foram cobertos pelas máquinas trepidantes e incansáveis, que agora navegavam sobre um mar não mais verde-azul, mas de coloração parda, fazendo sentir que a boca dragoneana do colossal rio-mar não muito longe se achava.

Na altura do farol de Salinas, embarcou o praticado da embocadura do Amazonas. E, quando nesta o navio penetrou, na ma-

rasas nagua, umas de tanta vegetação, outras falhas de arbustos, desfiliavam todas nas mais variadas posições ante os nossos olhares embevecidos com tanta e tão prodigiosa beleza sem par em todo o mundo.

Já se distinguia ao longe as formas ainda imprecisas da linda capital do Pará. Chegando ao porto, o navio atracou ao cais, permitindo fácil e rápido



panorama da cidade e do porto de Recife

os grossos e pequenos coqueiros repletos de cocos, as tradicionais jangadas descansando das grandes navegadas e os lindos e modernos "bungalows", contrastando com os pequeninos e paupérrimos casebres de pescadores, mantidos nos bosques de coqueiros, como a quere-rem fugir às vistas curiosas, na modestia de sua humildade infinita.

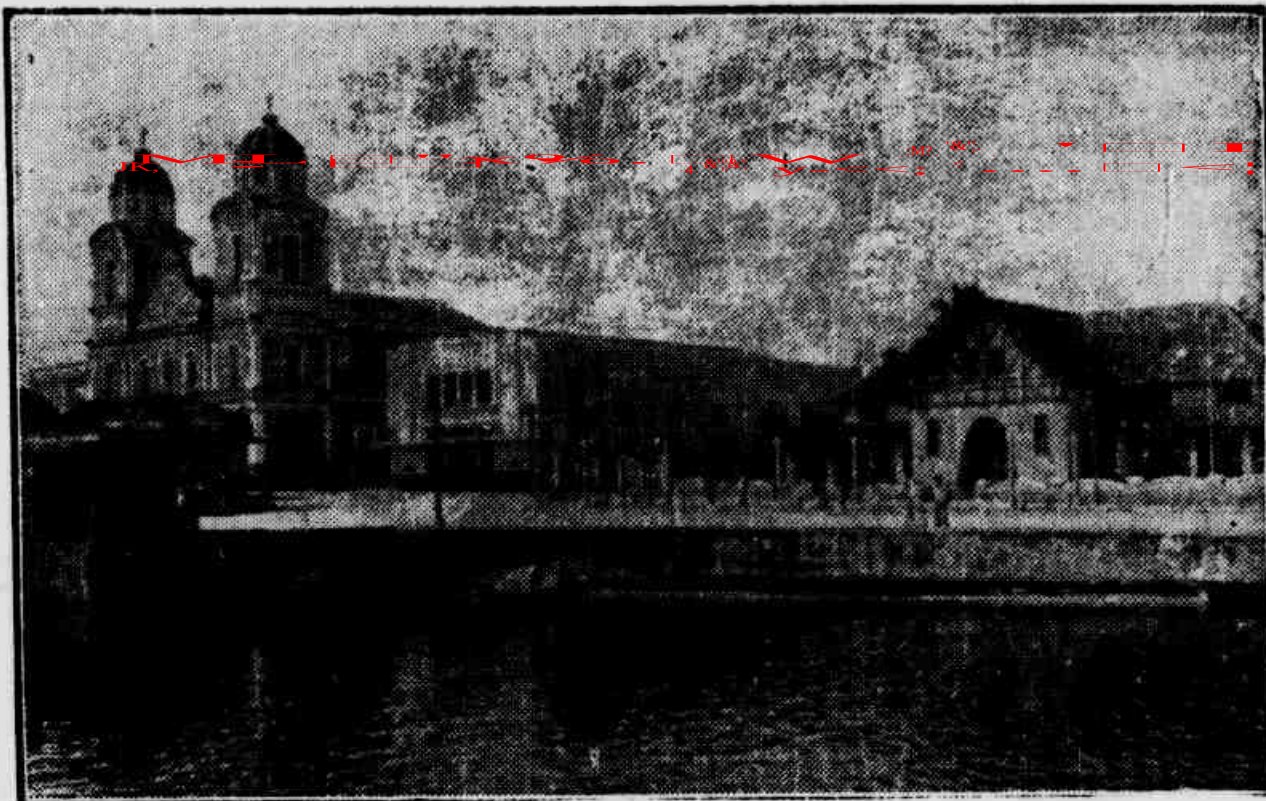
nhã do decimo terceiro dia, a paisagem deparada era de um deslumbramento inenarrável. Pequenas ilhas, de forma varia, pontilham o colossal estuário, obrigando o navio a descrever uma série de voltas para contorná-las. ora quase as tocando, ora passando ao largo, pondo à prova a perícia admirável do atlético piloto.

Umas altas, outras

acesso à cidade. Ao fazelo, depara-se com uma extensa e moderna praça fronteira ao imponente edifício da Alfandega. Belém é grande, bem edificada, dispondo de lindíssimas praças e ruas, quase na totalidade arborizadas com frondosas mangueiras, calçadas de paralelepípedos e cortada por bondes e ônibus, além de contar com inúmeros e magníficos monumentos.

O largo da Polvora, o Ver-O-Pêso, Pinheiros, o Museu e Zoo, a magnífica avenida Nazaré, os bares repletos de tomadores de assai, a saborosa bebida da terra, ficaram para trás ao partir o navio. A viagem prosseguiu, ao escurecer, em pleno rio Amazonas.

Durante o dia seguinte, as paisagens características da gigantesca artéria fluvial desfilaram, qual filme natural, colorido, ante aos olhos maravilhados dos viajantes.



Aspecto de Santarém, no Pará, banhada pelas águas do Amazonas e do Tapajós

Ora o navio parecia ir se emprensar nas apertadas ilhas e ilhotas, ora singrava isolado novamente, como no alto mar, tão longe eram vistas as suas margens.

Naquele dedalo, naquele verdadeiro labirinto de ilhas e ilhotas, onde uma inimizade de bocas se apresentava a cada momento, o navio seguia à risca a rota previamente traçada, pela mão firme e experimentadíssima do praticado do rio.

Penetrando nas águas revoltas de um estreito parará, viu-se o grande barco em meio do conhecido Estreito de Breves, o perigoso atalho da navegação fluvial. E as margens eram tão próximas que se chegava, por vezes, a acreditar que a densa arborização lhe tocava o casco. Vez por outra, surgia uma poé-

tiam, céleres, essas fragilíssimas embarcações, dirigidas por crianças, mulheres ou homens semi-nús que, navegando, lépidos,

tes das margens do encantado Amazonas.

A noite, quando o luar, em sua plenitude desceu com todo o seu magnífico



A ponte do Imperador, em Aracaju



"JANGADEIROS" — Tela de Carlos Magano.

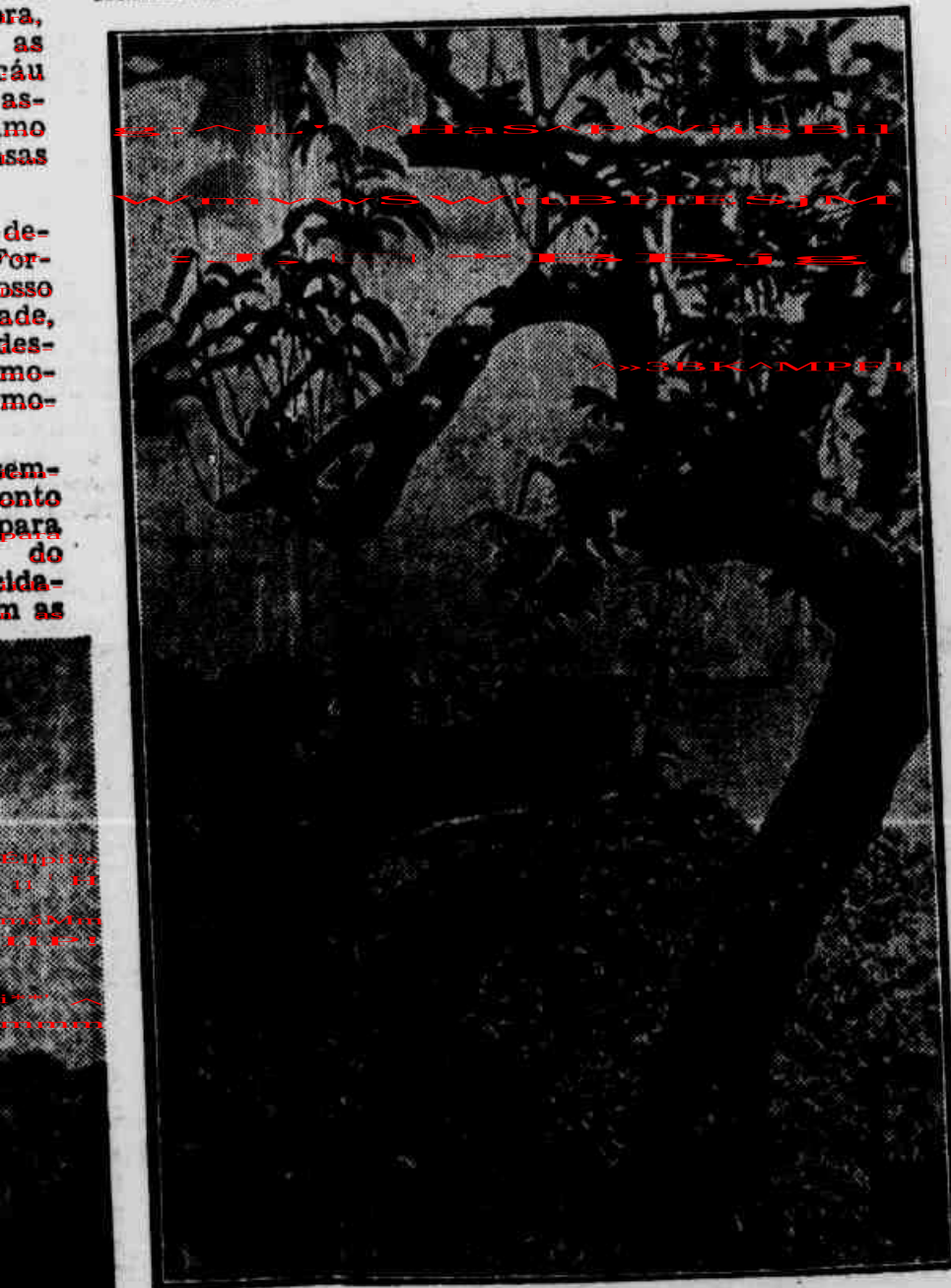
tica enseada e, nela lincrustada, uma pequenina choupana de caboclo, coberta de palha, com as canoas amarradas à porta principal e as redes de caroa penduradas à varanda ou alpendre. De algumas, par-

em direção ao navio e alheios ao grande perigo representado pelo banzeiro (maróla), gritavam e acenavam, pedindo que se lhes jogassem alimentos. Como de praxe, eram arremessados enormes embrulhos contendo pão e outros comestíveis, recolhidos com sofreguidão por aqueles solitários habitan-

esplendor, mais realçado pelo cenário magnífico, o reflexo argênteo sobre as volumosas águas do rio-mar fez ressaltar as lugubres sombras das margens, iluminando as copas da densa e exuberante vegetação que cobre as vastas e selváticas regiões amazônicas. O vento fresco e impregnado do agradável perfume das essências florestais perfazia, com o marulhar constante e monotonoso das águas do caudaloso rio, um dueto dolente, provindo do seio impenetrável e arfante da natureza viva.

Revezando dia e noite entre os panoramas inesquecíveis de riqueza e esplendor naturais, navegou o monstro flutuante, deslizando no lençol extenso da superfície das águas, até o termino de sua viagem. Era como caminhar num mundo completamente diferente, através das recuadas eras do homem primitivo, numa rememoração extasiante da beleza virgem da superfície da Terra...

E ainda há quem, entre nós, desperdice pequenas fortunas em viagens ao estrangeiro!



Farol de Barra, na Bahia



Avenida Rio Branco, na capital sergipana

SUAVE CAMINHO

MARIO PEDERNEIRAS

Assim... Ambos assim, no mesmo passo,
Iremos percorrendo a mesma estrada;
Tu — no meu braço tremulo amparada,
Eu — amparado no teu lindo braço.

Ligados neste arrimo, embora escasso,
Venceremos as urzes da jornada...
E tu — te sentirás menos cansada
E eu — menos sentirei o meu cansaço.

E assim, ligados pelos bens supremos,
Que para mim o teu carinho trouxe,
Placidamente pela Vida iremos

Calcando magoas, afastando espinhos,
Como se a escarpa desta Vida fosse
O mais suave de todos os caminhos.

SAPATOS COLORIDOS E SAIAS MAIS CURTAS

NOVA YORK — Herman Delman, considerado um dos mais notáveis desenhistas de sapatos do país, apresentou uma exposição de suas últimas criações, que aparecerão em breve nas casas que vendem os artigos Delman e que serão, sem dúvida alguma, copiados por muito fabricantes.

Na opinião dos cronistas de modas de Nova York, com os quais estou plenamente de acordo, a feição

Por
JOSEFINA MENDOZA SIERRA
(Da "Globe Press")

mais notável desses sapatos é sua aparência elegante e distinta e o emprego generoso da cor e de um negro reluzente.

Um dos modelos que mais me agradou foi um de couro cinzento escuro e camurça preta. Outro modelo que me pareceu particularmente de bom gosto foi um sapato verde, da tonalidade chamada "verde avenca", que é uma tonalidade neutra, que pode ser combinada com vestidos marroms, pretos ou cinzentos. Já estava familiarizada com aquela tonalidade, porque a mesma havia chamado a minha atenção quando visitei o Laboratório de Pesquisas da General Dyestuff Corporation e tive ocasião de ver as experiências que estavam sendo feitas para tingir couros com diversas cores e tonalidades. Naquela ocasião, — há algumas semanas — um dos especialistas da GDC observou:

— O numero de pedidos que temos recebido nestes últimos dias para determinadas localidades de tintas para couros indica que os sapatos de cores terão grande popularidade durante o outono e o inverno.

Mas vamos subir um pouco e falar sobre vestidos, em vez de falar sobre sapatos. Quando há alguns dias Christian Dior anunciou que ia reduzir o comprimento das saias, o fato foi muito comentado, não só pelos cronistas de moda como até mesmo pelos hu-



Uma criação de Delman, de couro cinzento escuro e camurça preta

moristas e caricaturistas. Agora, passada a excitação, verifica-se que Dior está praticamente sozinho em sua inovação.

Como observou um cronista, "qualquer mulher que não adapte o comprimento das saias ao formato de suas pernas é simplesmente idiota".

O mesmo cronista afirma que muitos compradores norte-americanos estão encomendando modelos de Dior com a condição de que as saias sejam algumas polegadas mais compridas.

E já que estamos falando sobre saias, digamos algumas palavras a respeito da tendência da moda para "brotnhos" nos Estados Unidos. Considero animador o fato de estar diminuindo um pouco a tendência para "stacks" e camisas de homem. Os magazines estão exibindo trajes simples e classicos, estando muito em evidencia as saias, os "sweaters" e toda a sorte de jaquetas.

Pode-se dizer que, de um

modo geral, as roupas para mocinhas, seguem as linhas retas e simples que estão em voga este ano. Os acessórios é que asseguram uma feição mais feminina.

As bolsas para passeio são muito grandes, mas para "toilette" de noite, muito pequenas.

Estão muito em moda as pulseiras, para serem usadas com vestidos de manga comprida, podendo ser ornadas de pedras semi-preciosas.

É BOM SABER

As saladeiras de madeira não devem ser postas na agua para lava-las. Basta que se lhes passe um trapo umedecido em agua quente misturada com um pouco de sabão, enxaguando-se, depois, com papel absorvente e passando-se, por ultimo, um trapo umido de azeite.

Carnes e aves, antes de serem levadas à geladeira, devem ser postas num prato limpo e cobertas com papel amanteigado, visto que assim se conservarão melhor.

Os encostos dos moveis estofados guardas de sofás e poltronas, quando enegrecidos pelo contato das mãos devido ao longo uso, podem ser limpos mediante uma fricção com miolo de pão, preferivelmente de centeio.

Antes de colocar um vestido ou cortina na banheira para tingir convem verificar bem a quantidade de sal que deve ser adicionada à agua de anilina, a fim de fixar-lhe a cor.

Aas manchas deixadas por sorvete na roupa precisam ser molhadas com um paninho embebido em agua morna e só depois disso ensaboadas.

Os retalhos de algodão aveludado ou pecas já em desuso desse tecido podem auxiliar grandemente as donas de casa, servindo nos trabalhos de limpeza como substitutos da camurça, tanto para lavagem como para dar brilho.

Poesia ou romance, musica ou drama, do que as mulheres não gostem, não presta. — ALMEIDA GARRETT.

O habito não faz o monge mas o vestido faz a mulher. — MERY.

Contra a morte e o amor, ninguém tem valor. — GIL VICENTE.



MODELO ITALIANO, de Ferrario: — Decote original e gracioso de um vestido de "soltre" em que as alças são drapadas nos ombros, trespassando ao lado do corpo, etc.

PROBLEMA DA CICATRIZ

DR. PIRES

A questão da cicatriz ainda constitui um dos mais sérios assuntos para os que se preocupam com a estética. Talvez mesmo o principal deles. Toda e qualquer lesão cutânea mais ou menos profunda deixará sempre, como resultado, uma cicatriz. No dia em que se descobrir um meio que evite seu aparecimento será um avanço enorme para a ciencia medica sobretudo nos domínios da cirurgia estética, sabido que as cicatrizes representam como que as impressões digitais do operador.

Basta que se aprecie somente e como exemplo, o tratamento das rugas pela operação e em que o corte deve ser feito perto dos cabelos a fim de que fique escondido. Para o futuro, quando for descoberto um meio de evitar o aparecimento de uma cicatriz, poder-se-á intervir em qualquer parte do rosto, no proprio local onde existir o tecido enrugado.

Devemos encarar a questão da cicatriz sob varios angulos. Um deles é saber como vai se portar determinada epiderme em face de uma ocorrência cicatricial. Nada é possível prever, sobretudo quanto à chamada cicatriz queloidiana ou seja aquela em que há um aumento do relevo cutâneo. Mesmo as simples aplicações de tintura de iodo sobre qualquer ferimento ou compressas de alcool sobre o pescoço, muito empregadas para combater dores de garganta, podem ocasionar o inicio do aparecimento de um queloides. Também nos lugares onde as pessoas se vacinam é possível que se inicie um processo de cicatriz queloidiana.

Uma vez que se esteja em face de uma ferida, sobretudo localizada no rosto, é conveniente observar certas medidas. Primeiro é necessario perfeita desinfecção com a retirada cuidadosa de toda partícula estranha que possa vir prejudicar a cicatrização. Qualquer carne esponjosa que aparecer será tratada com aplicações de nitrato de prata, em solução ou em forma de lapis. A sutura deve ser feita com fio de seda bem fino e com pontos muito proximos um dos outros. Em alguns casos faz-se uma sutura das do tipo por dentro da pele. Todo cuidado deve ser observado durante o periodo de cicatrização e esta deve ser auxiliada com o emprego de produtos vitaminados, aplicações de raios ultra-violeta, etc.

Numa pele nitidamente sujeita a queloides faz-se preventivamente o emprego de uma, duas ou três doses de radioterapia. Finalmente, temos de passar em revista o que se deve fazer quando se está em frente a uma cicatriz hipertrófica já formada ou seja em que a pele se apresenta elevada.

De inicio, qualquer tratamento interno não produz resultados satisfatórios, e os varios que foram tentados, estão em pleno abandono. Resta a terapeutica externa e cujos resultados, aliás, satisfazem. Entre os meios empregados o mais simples é a neve carbonica, quer diretamente ou por meio de um aparelho especial para essa finalidade.

Alguns queloides pequenos beneficiam-se com a eletrocoagulação e outros, mesmo quando grandes, podem ser retirados cirurgicamente. Mas em ambos os casos é sempre aconselhavel, ao mesmo tempo, o emprego do radio, a fim de evitar uma recidiva da cicatriz queloidificada.

NOTA: — As nossas leitoras poderão solicitar qualquer conselho sobre o tratamento da pele e cabelos ao medico especialista, dr. Pires, à rua México, 31, Rio de Janeiro, bastando enviar o resumo deste artigo e o endereço completo para a resposta.



VENEZIANI — Elegante vestido para a noite, estilo "ballet", com enfeites de veludo circundando o busto e a sala. Luvas compridas, uretas; sapatos da mesma cor. Saia bem rodada.

O HOMEM DOS OCULOS DE ARO DE TARTARUGA

VIDA E PROEZAS DE HAROLD LLOYD, O POPULAR "ASTRO" DO CINEMA, QUE NÃO QUER APOSENTAR-SE

Quando o cinema ainda estava na infância, há muitos anos, numa cidade da Califórnia, dois homens jovens conversavam ao pé do fogo que ardia em uma quadra de terreno convertido em estúdio. Chovia e aquele fogo mortífero era a única defesa contra o frio humido que reinava.

— Quem sabe o que conseguiremos dentro de dez anos, — dizia um dos homens. — E se estivermos perdendo nosso tempo com este fantástico negócio!...

— De minha parte — respondeu o outro — já me contentarei se puder usar camisas de seda como você...

Um deles era Roach, que se transformou, logo depois, em um dos produtores mais conhecidos de comédias. O outro era Harold Lloyd.

O "fantástico negócio" foi crescendo paulatinamente até converter-se em uma das mais importantes indústrias dos Estados Unidos e com ele cresceram muitos dos nossos heróis, que adquiriram fama e fortuna em grau muito superior ao que haviam imaginado.

Harold Lloyd, o herói desta narração, nasceu em Burchard, um pequeno povoado do Nebraska, que contava apenas 300 habitantes. Seus pais eram de condição humilde. O progenitor era vendedor em um armazém e, com algumas economias, pôde comprar, depois, um "arlier" de fotografia, onde tirou o retrato daquele que, reproduzido mais tarde no estúdio, faria rir a milhões de pessoas em um futuro não muito distante.

Harold foi sempre um pequeno traquina. Cabulava aulas, não dava em lições proibidas e brigava com tudo quanto era rapazinho recém-chegado ao lugar. Seu irmão Gaylord, mais velho 5 anos do que ele, era seu amigo mais íntimo. A família mudava constantemente de residência e os dois irmãos não tinham, por isso, o desejo de privar com outros meninos. Mas, quando acontecia ter uma oportunidade, primavam por exibir suas habilidades e talentos, especialmente Harold, que era um presenteador habil e que imitava com perfeição os bailes dos circos.

Seu interesse pelas coisas do teatro o colocou em contato com illusionistas e prestidigitadores, com os quais aprendeu toda sorte de "tripes" e artimanhas. O que sabia bastava para divertir os outros rapazes, provocando hilaridade e entusiasmo entre a criança.

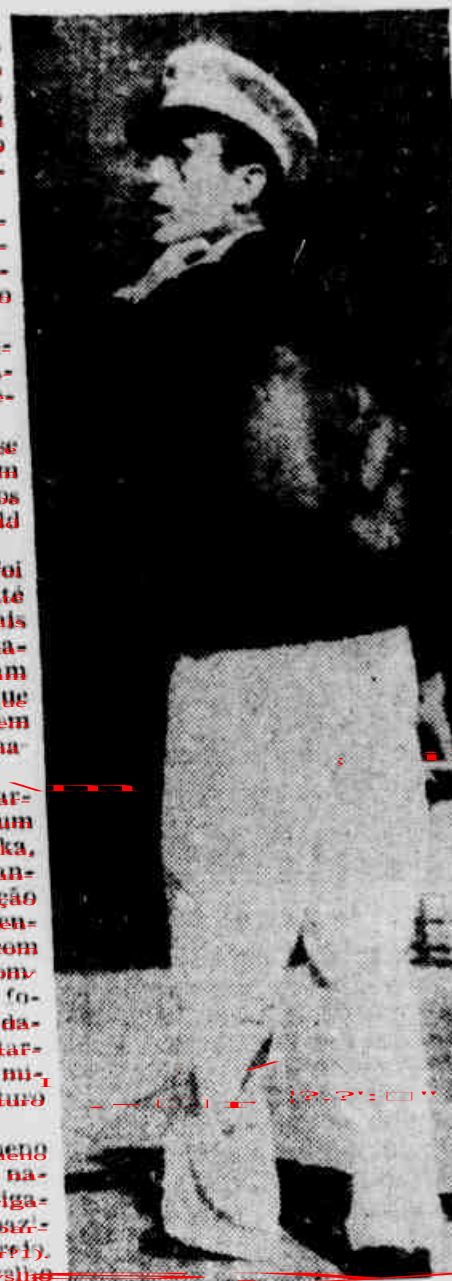
O seu primeiro cenário foi o sofá da casa de uma tia, onde ele fingia ter um "João Mihuca", utilizando chapéus velhos e outras peças de roupas. Depois, passou a usar máscaras feitas com papéis recortados. Brevemente, porém, desse sistema resolveu, então, aproveitar os componentes do grupo infantil da vizinhança. Ele mesmo os caracterizava e distribuía a cada um os papéis criados por sua fértil imaginação.

Harold Lloyd era um rapaz forte, cabelos pretos, rosto sardento. Embora tivesse, então, bom caráter, quando anos depois ingressou no cinema, não encontrou outros veículos para triunfar do que os famosos olhos de aro de tartaruga, desmiolando todos os traços estrambólicos e artificiais grosseiros com que costumava divertir os conhecidos nas suas farsas de amador.

A CARREIRA DE HAROLD NO TEATRO

Harold Lloyd estreou no teatro em um drama de Shakespeare "Macbeth", quando contava apenas 17 anos. Foi em Beatrice (Nebraska), onde uma companhia de comédias ambulantes havia chegado e decidido, para economizar dinheiro, a dar mais interesse às representações, aproveitando para elas os rapazes do povoado, em papéis secundários. Harold teve o papel de filho de Banquo. Seu irmão Gaylord foi incluído no elenco como maquiquista.

Depois do assassinio de Banquo, Harold tinha que sair gritando "Socorro! Socorro!" rumo aos bastidores. Em chegando o momento próprio, entretanto, notou que os demais intérpretes o olhavam com curiosidade. Atrapalhou-se todo e perdeu a fala. Um dos veteranos é que salvou a situação, gritando aquelas palavras em seu lugar. Harold admitiu, todavia, que a sua estreia oficial somente se verificou muitos anos mais tarde, em outro lugar. O caso é que, após isso, tra-



HAROLD LLOYD, o homem dos olhos de tartaruga, como apareceu em "The Milky Way" (A Via Láctea): leiteiro e boxeador.

bailhou como maquiquista, indicador de lugares e vendedor de doces nos teatros. Nas horas vagas, procurava aprender os segredos da arte da "maquillage".

Em Denver (Colorado), onde sua família se instalou, conheceu o ator John Lane Connor, primeira figura de uma companhia que fazia uma "tournee" pelo território norte-americano. Hospedando-se na casa dos Lloyds, Connor ensinou a Harold o modo perfeito de maquiagem, tornando-se seu protetor.

Gracias a ele, Harold ingressou no teatro, estreando em Omaha, no ano de 1907. Na mesma companhia atuava Frank Bacon, um das mais eminentes figuras do teatro americano há dez anos antes. Depois de representar em várias cidades, em papéis de menino, Harold Lloyd foi obrigado a abandonar o elenco. E' que a sua voz havia mudado e a idade não lhe permitia mais trabalhar como criança. Voltou, porém, a ser indicador de lugares, aproveitando o tempo livre para estudar. Durante o período em que frequentava a escola, Harold Lloyd praticou outros empregos. Assim, foi mensageiro, empregado de lousa e distribuidor de leite a domicílio, tal qual aparece em "Harold Tapa-Olho" ("The Milky Way"). Um acidente, em que seu pai saiu ferido, deu margem a que o velho recebesse 6.000 dólares de indenização. Com esse dinheiro o pai de Harold resolveu mudar-se, mais uma vez, a fim de dedicar-se ao comércio. Harold queria ir para San Diego, na Califórnia, onde sabia encontrar-se Connor. O velho queria seguir para Nova York. A sorte decidiu a favor do rapaz. E lá se foram para as plagas californianas.

COMO HAROLD FOI PARAR NO CINEMA

Na Califórnia, o pai de Harold comprou um restaurante e bilhar, onde o rapaz também trabalhava ajudando como "garçon". Ao mesmo tempo, frequentava a escola dramática ali instalada por John Connor. Dentro em pouco, era arvorado a professor, ensinando declamação, baile e esgrima aos discípulos do seu amigo. Concluiu o curso, fez uma "tournee" por aquele Estado, representando uma variedade de papéis. Um dia, apresentou-se em San Diego uma companhia de cinema. Era a Edison, de Nova York, atraída pelo clima californiano. Tendo o diretor pedido a Connor alguns alunos de sua escola, para figurarem no filme como comparsas, Harold foi naturalmente in-

dicado. O seu papel consistia em aparecer por um segundo diante da câmara, durante um salto, vestindo de "pele vermelha". Em 1913, Harold Lloyd entrava na Edison, como "extra". Depois, foi para a Universidade, onde nunca pôde obter um simples papel de comparsa. Entretanto, uma vez, observando a porta das estúdios, notou que os intérpretes saíam para almoçar sem tirar a "maquillage" e isto lhe serviu de salvo-conduto para tornar a entrar. Formou, daí, um plano que lhe deu ótimo resultado. No dia seguinte, armado da sua caixa de pintura, foi para as redondezas dos estúdios e pintou a cara como os figurantes que saíam para o almoço. E quando eles voltaram, meteu-se no meio do grupo, ingressando, assim, nos "sets" de filmagem. Repetiu o expediente várias vezes e se alguém lhe perguntava onde estava representando dava logo o nome de um dos diretores. Desta forma, não demorou a ser notado por um dos assistentes de direção, que lhe deu um posto fixo, como "extra". Entre os seus colegas, Lloyd veio a encontrar Hal Roach, de quem se fez camarada.

Hal Roach, uma vez, anunciou-lhe o seu propósito de abandonar os estúdios, deixando de ser comparsa para tornar-se produtor de filmes.

Havia apontado alguns milharões de dólares e pretendia produzir filmes de uma parte. O primeiro ator do seu elenco foi Harold Lloyd. A princípio, tiveram muitas dificuldades. Fizera muitas fitas, que mandaram para Nova York, mas que foram sistematicamente recusadas pelos distribuidores. Por fim, venderam uma das comédias. Nela trabalhavam Harold, Jane Novak e Roy Stewart.

TROCANDO DE TIPO

O primeiro trabalho comercial de Hal Roach foi motivo para a primeira desavença. Harold soube que ele pagava mais a Stewart e resolveu demitir-se. Foi para a Keystone, onde representou vários papéis sem importância, ao lado de Fock Stening, Roscoe Arbuckle e outros.

Aborrecido, resolveu voltar a companhia de Hal Roach, ganhando 50 dólares por semana. E decidiu também mudar de tipo. Por sugestão do diretor, adotou uma figura parecida com a de Charles Chaplin, que já era o mais divertido comico daqueles tempos. Cabelo, pois, o "copie" Luke". Bebe Daniels e Harry Poller se uniram à empresa e puderam-se a produzir comédias em uma parte que custavam 1.200 dólares. A Paathe distribuía as fitas. Harold Lloyd, porém, queria criar um tipo original. Falou com Roach e este disse que ia a Nova York, consultar os homens da Paathe. Duas semanas após, telegrafava que a ideia fora aceita. Harold escolheu, assim, adotar os olhos de aro grosso que principiavam a ser usados nos Estados Unidos. E, com J. Farrell MacDonald e Gilbert Pratt, que hoje é diretor da Paramount, começou a produzir novas comédias. Várias vezes, Harold e Roach discutiram por questões de horário e de salários. Em 1919, estava ganhando já 300 dólares por semana e passou a produzir fitas em duas partes. Terminada esta série Bebe Daniels foi para o conjunto de Cecil De Mille e Harold teve de procurar outra heroína para suas comédias. Por acaso, encontrou Mildred Davis. Foi ela sua primeira paixão, e, mais tarde, sua esposa.

Com o correr dos anos, Harold chegou a vencer 1.000 dólares por semana. A United Artists ofereceu-lhe um contrato. Mas preferiu ficar com Hal Roach.

CASADO E VITORIOSO

O casamento de Harold e Mildred Davis foi um acontecimento. Passaram a lua de mel em San Diego e montaram casa em Los Angeles. Mildred retirou-se da tela e Jobyna Ralston foi contratada para companheira de Harold nos filmes.

O famoso ator fez mais 4 fitas com Hal Roach, todas em seis partes e de grande êxito. De acordo com o novo contrato, Harold percebia 80 por cento dos lucros. Terminada a produção dessas condições, resolveu formar companhia própria. William R. Fraser entrou como administrador. A primeira película "Girl Shy" custou 400 mil dólares e rendeu mais de 2 milhões. Durou seis meses



A PARTICIPAÇÃO DO CINEMA FRANCÊS NO FESTIVAL DE VENEZA

Uma nova "Therese Raquin" — A história do finado sr. Dupont — Um novo êxito de Michel Simon em "L'étrange désir de mr. Bard"

Por JEAN QUEVAL

Mais de vinte filmes representam a França no Festival de Veneza, sendo três de longa metragem. Da seleção das películas de curta metragem, excepcional quanto à variedade e à qualidade, devemos citar, em primeiro lugar, "Mina de Vanghel", filme romântico de Maurice Clavel adaptado de uma novela de Stendhal; o inteligente documentário de Georges Franju, "M. et Mme. Curie"; "Aux frontières de l'homme", interessante reportagem de Nicole Vedres sobre os mais recentes trabalhos biológicos de Jean Rostand; um trabalho melancólico e encantador de William Navik sobre "Les révoltes épiques"; e o "Métier de danseur", em que Jacques Barretier se mostra facilmente adstrito ao tema sedutor e austero ao mesmo tempo.

Ninguém parece opor qualquer dúvida de que o melhor dos três filmes de longa metragem seja "Therese Raquin", trabalho de Marcel Carné baseado no célebre romance de Emile Zola, adaptado por Charles Spaak. Os membros do júri de seleção foram unânimes em considerar que Marcel Carné foi nessa obra melhor ainda do que em "Enfants du Paradis", mostrando uma qualidade tão elevada e constante que o filme se impõe como um clássico.

O romance foi transposto para a tela com o mais aproximado traço psicológico: a heroína, uma lojista mal casada, não é mais uma mulher covarde e cupida; os outros personagens foram conservados e a linha dramática é a mesma, com uma intriga naturalista — que se desenrola em Lyon e não mais em Paris, o que é sempre grande importância. Marcel Carné executou um filme que se desenvolve por igual e com o mesmo interesse, despertando emoção de sequência em sequência e cuja textura visual é de uma indiscutível beleza. Simone Signoret encarna soberbamente Therese Raquin e todos os comediantes são iguais em seu desempenho.

Com "Bon Dieu sans confession", Claude Autant-Lara explora um tema bastante banal, aproveitando de um romance de Paul Violar, "Monsieur Dupont est mort"; mais intraduzível nele uma nota de esperança, pois faz crer numa elevação salutar da nova geração e se mostra bem explícito nesse ponto, se bem que de um modo um tanto artificial. O argumento se

baseia no descobrimento pregresso do principal personagem, no dia seguinte ao do seu enterro. Dupont, neste caso, é um "partenaire" que explora uma senhora elegante, com a permissão do marido. Os negócios esquadrados de Dupont têm importante lugar no enredo, particularmente suas relações trágicas com o seu sócio. A fita é solidamente urdida, seguindo os processos de narração que se adotaram em "Diable au corps". O enterro servindo de fundo e de principal motivo. Os intérpretes são excelentes. O mérito de Claude Autant-Lara deve ser entretanto reparado com Claude Rains, cujo nome era até então desconhecido e que é também cenarista, dialogista e assistente do diretor de cena.

Geza Radvanyi, húngaro naturalizado francês, deu sua alta reputação prime palmeado a um filme semi-documentário, meio-simbólico, consagrado à juventude de apor guerra abandonada e a si própria: "Quelque part en Europe". Desta vez, associou-se ao célebre romancista René Barjavel e seu filme tem por título "L'étrange désir de Mr. Bard". Trata-se de um cenário original mas cruel e generoso ao mesmo tempo. A ação se desenvolve numa cidade balneario da Côte d'Azur, que não é desvirtuada pelo nome no filme. Tem por principal protagonista um motorista condenado a morrer muito em breve ao qual o jogo permite acabar passionalmente seus dias. Seu supremo desejo é tornar-se pai de uma bela criança. Quanto a mãe, ele quer, com uma grandeza de alma um pouco singular, mas tocante, que a ateleco que ele lhe dedica não embalse seu futuro destino. A família, posta a par de seus projetos, quer intervir num hospício, o fim de herdar sua fortuna. Não o consegue, porém. Entretanto, o pai morre justamente no dia do nascimento do filho que ele tanto desejava e que prolongará, talvez, sua generosidade em um mundo hostil. O filme tem momentos admiráveis, em particular graças a interpretação magnífica de Michel Simon. A montagem é esplendida e de rara grandeza. Não se pode garantir que a fita não tenha sido prejudicada por subtilidades da singularidade do tema nem que não continha alguns excessos. Mas ela honra a produção francesa.

Após alguns meses vazios, eis-nos diante de alguma coisa nova: Yves Allégret termina um filme que ele executou no México, sobre um argumento de Jean Paul Sartre, adaptado por Jean Aureoche. Trata-se de "Les orgueilleux", no qual Michel Morgan é a principal intérprete. Jean Grémillon precede a montagem de um trabalho promissor, intitulado "L'amour d'une femme". Gilles Grangier dá a última demão num filme de espionagem: "La vierge du Rhin", que se anuncia como seu melhor trabalho. René Clément — o mais famoso, atualmente, dos diretores franceses — roda em Londres um filme adaptado pelo romancista normando Raymond Queneau.

* Um técnico inglês "Bell Below Zero" (Inferno abaixo de zero) tem como protagonista o americano Alan Ladd. Como principal figura feminina aparece Joan Tetzel.

Maria Lucia - novamente à frente

Maria Lucia é destas pessoas que desejam oito ou oitenta. Desde que a conheci foi assim. Talvez não seja ela que deseje mas, a vida lhe reservou um lugar

("Dias Felizes"), tornou-se uma verdadeira consagração. A crítica foi unânime e o público a aplaudiu intensamente. Este seu trabalho valeu um contrato



Maria Lucia foi lançada com grande propaganda em "Convite ao Baile". Mas a coisa ficou por aí. Com ela, Zieminski.

onde a inércia não pode existir e, por bem ou por mal, o movimento deve ser contínuo. Isto é o próprio sangue que lhe corre nas veias. A sua primeira aparição no palco foi dando réplica a uma cena de exame na Escola de Arte Dramática. Desde esse dia, já tomou a todos de assalto; roubou a cena e, quando levada a peça inteira

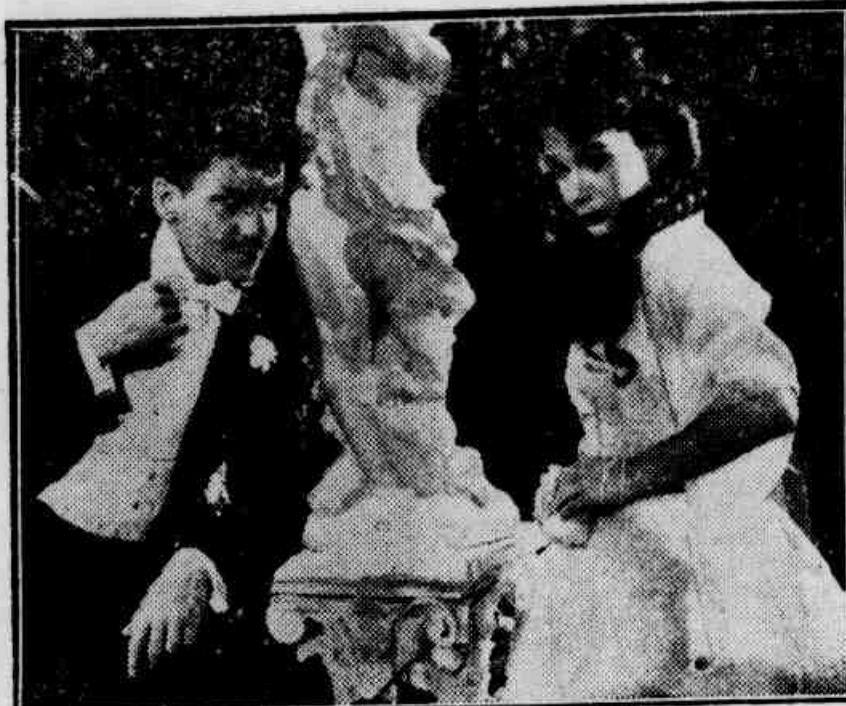
com o T.B.C. — então, o sonho de todos os atores — pela primeira vez uma aluna da Escola pisava naquele palco, como contratada. Não foi lançada numa "ponta" qualquer — com ela isto não se daria, como já dissemos ou oito ou oitenta — pelo contrário — nunca uma artista foi lançada com tanto espalhamento e propaganda. Um mês

antes, em todos os jornais eram somente fotografias e entrevistas da nova estrela. (verdade que seu sucesso em "Dias Felizes" foi tão grande, que isto já valia por todo o movimento feito). Mal sabia ela porém, que depois de tanta coisa tudo pararia por aí. Após "Convite ao Baile", nunca mais teve outra oportunidade. Depois de quase um ano sem outros papéis que pudessem dar-lhe novas "chances" ou uma evolução, o que todos os atores desejam, saiu do T.B.C. Antes, porém, foi "estrela" de grandes atritos e rumorosos casos naquela casa de espetáculos, os quais, possivelmente ninguém mais repetirá (ou terá coragem).

Depois sumiu. Uma vez ou outra aparecia aqui ou ali mas, não estava em atividade artística alguma; — pelo menos era o que dizia. Mas falando a verdade jamais acreditei. Maria Lucia não é das pessoas que ficam paradas. Ela devia estar se preparando para uma de suas costurinhas notícias sensacionais. O silêncio era apenas uma preparação psicológica para o que estava planejando. E estava com a razão. Aparece agora com uma companhia de cinema, sua — este "sua" não é quanto à posse mas, quanto à idéia e à realização. É a "Ipiranga Filmes" — produtora independente — mas que já possui um grande número de financiadores — tendo a frente os srs. Joviano Alvim e Paulo Datri. O primeiro filme será "O Incêndio", argumento da própria Maria Lucia. É a história de um incêndio num prédio de apartamentos de três andares. Esta catástrofe é recebida de modo diferente pelos moradores. São três histórias diferentes num mesmo conflito. A direção caberá a Ricardo Vaz Monteiro que fez curso de cinematografia em Portugal e na França. É uma companhia jovem e cheia de idealismo — e ideal hoje em dia é a base de toda a vida. Maria Lucia é destas pessoas que desejam fazer alguma coisa. Não quer dormir em louros que não existem, que nos dão prazeres momentâneos mas, que um dia ou outro cairão por terra, dando lugar a um vazio

teatro

Escreve
MARCOS JOURDAN



Ao lado de Sergio Cardoso em "Convite ao baile"

imenso. Sua vida lhe é preciosa demais para não ser aproveitada. Com ela, Ricardo Vaz Monteiro, está edificando seus ideais hoje, esta companhia de cinema. As filmagens começaram somente em novembro ou dezembro e serão rodadas em S. Paulo. O sr. João Macedo — um dos responsáveis pela iluminação e fotografia de "Carmões" — já foi contratado

na Europa e dentro em breve estará nesta capital — será o "camera-man" do primeiro filme. Mais detalhes não nos foi dado pois, está tudo em estudos e no princípio. Assim, de "estrela" do palco Maria Lucia passa para uma nova etapa de sua vida. Não lhe desejamos felicidades porque temos a certeza de que foi certo este passo por ela dado.

A GRANDE BOMBA: Madalena Nicol no TBC

Não resta dúvida de que o teatro da Major Diogo está numa revolução. Outro dia, aportamos a lista enorme de atores que se retiraram daquela casa de espetáculos, por um motivo ou por outro. Agora, nos vem a notícia de que Madalena Nicol fará "Teatro das Segundas-Feiras" naquele mesmo palco onde foi um dia primeira atriz.

Madalena é uma grande artista e bem que poderia ser novamente contratada para o elenco permanente, em vez de ficar trabalhando somente uma vez por semana.

A peça escolhida, já em ensaios, será "As medalhas da velha senhora", o último sucesso de Ema Gramatica.

Uma vez, Fredi Kleemann nos contou que era ela um dos grandes desejos de Cacilda Becker e que já o T. B. C. possuía seus direitos. De modo que deve ter havido grandes entendimentos e provavelmente foram esquecidas as antigas rugas entre Madalena e o teatro da Major Diogo. Se não for este o caso vamos ter grandes novas dentro em breve.

O elenco conta ainda com Pierre Borday, jovem ator que já trabalhou na França e nos Estados Unidos e que ora está entre nós. Felicidades a você, Madalena.



Nidia Licia, A. C. Carvalho e Rui Afonso. Os três já não pertencem ao elenco permanente. (Cena de "Do mundo nada se leva")

NOTICIANDO E COMENTANDO

NICETTE BRUNO... cada dia procura melhorar o seu "Teatro Intimo". O grande defeito da sua casa de espetáculos que era a visibilidade, está sendo solucionado. Haverá um grande declive fazendo que os espectadores tenham visão perfeita. Além do mais, serão colocadas poltronas estufadas e um telefone (que fazia também tanta falta). Tudo estará pronto em dias. Parabéns, Nicette.

"CREPUSCULO"... de Oscar Nimtzovitch, já encenado no Teatro João Caetano, está sendo montado novamente em "teatro de arena" por Ibanez Filho. O elenco consta de uma porção de gente nova entre eles: Aracy Cardoso (que tanto sucesso fez em "Judas, em Sábado de Aleluia"), Luciano Mauricio, Hernê Leblon. O galã será Carlos Alberto, ator da Multifilmes, que faz sua estreia em nossos palcos. É ele o astro de "O Crack" onde aparece ao lado de Liana Duval.

MARIA DELLA COSTA... está em Belo Horizonte alcançando grande sucesso. Depois de Eva Todor fará uma grande temporada no Santana. O repertório será grande mas, apenas constituído de remontagens: "Manequim", "Rebeca", "O morro dos

ventos uivantes", "Tereza Raquin" e "Tentação", apresentada entre nós há pouco tempo, com o nome de "Volta Moçada".

"WEEK END"... de Noel Coward, próxima estreia do Teatro Intimo está com um elenco muitíssimo bom. Nicette, Paulo Goulard (a grande revelação de "Ingenua até certo ponto") Elisio Albuquerque, Eleonor Bruno — que faz a sua estreia naquele palco juntamente com Kleber Macedo, Elizabeth Henreid e Rui Afonso — pela primeira vez fora do T. B. C. — completam a lista dos atores. O não estreliante Antunes Filho, será o diretor.

RAQUER MOACIR... está sendo a sensação da temporada da Cinelandia de Silveira Sampaio com "Flagrantes do Rio".

"ADOREI MILHÕES"... está fazendo uma belíssima carreira em São Paulo. Sem dúvida é a melhor coisa do gênero já apresentada entre nós. Renata Fronzi é a sensação do momento e Carla Neil é uma jovem que vale por todo o espetáculo.

COLE... ao que parece, foi contratado para aparecer no próximo filme de Cavalcanti ao lado de Vera Nunes e Inezita Barroso. O "Canto do mar" será lançado somente o ano que vem.

A "SAPATEIRA PRODIGIOSA"

Foi este o último espetáculo a que assistimos no Rio e, de certo modo, este grupo de amadores "O Tablado" nos decepcionou. Não que fosse mau o espetáculo mas, já assistimos a outras de suas realizações muito melhores.

Em primeiro lugar, Garcia Lorea é muito difícil para ser representado por principiantes não devido à situação dramática, mas, pelo lirismo do texto que requer grandes recursos de voz. Além do mais, uma peça com quase vinte intérpretes, e todos jovens. Todos eles não podem ter a mesma força e o mesmo nível, fazendo o espetáculo oscilar, tornando-o cheio de altos e baixos, perdendo assim a ascensão dramática que toda peça deve ter.

Note-se ainda que, Garcia Lorea exige uma atmosfera tremendamente espanhola, típica, não somente nos cenários e nas vestes mas, em toda a ação dos atores e isso indiscutivelmente é um dos fatores mais difíceis e primordiais.

Este foi o ponto fraco do espetáculo. Todo o lirismo e todo o tom satírico do sangue fervente da Espanha estavam ausentes. O ambiente sensual, dramático e efervescente que deveria existir foi substituído por algo morno e demasiadamente composto.

A nosso ver, "O Tablado" bem que poderia escolher peças mais de acordo com suas possibilidades. Que são muitas. Entre elas, estão valores reais que seriam figuras de destaque em qualquer companhia mas, o elemento qualitativo se perde no quantitativo. Se querem apresentar grandes textos, se pretendem constituir um movimento de vanguarda, suas peças deveriam ter um número menor de pessoas que poderia mostrar a ótima qualidade de vários elementos. Se não, ficarão sendo um grupo esforçado, muitíssimo bom, mas que não sairá do nível amadorístico — isto quanto à qualidade, está claro.

A Maria Clara Machado coube o papel de "Sapateira". É uma jovem talentosa que se movimenta bem, indiscutivelmente inteligente e sensível mas, faltou-lhe o resto. O papel exigia muito mais. As situações dramáticas foram pouco dominadas e de uma sensualidade muito fraca e bem perto da alma vibrante espanhola. Faltou direção segura para disfarçar sua inexperiência e a dificuldade do papel. Somente Ana Maria Mendes conseguiu nível muito alto. Foi a revelação da noite. Os demais, em outra peça, poderiam fazer com a dificuldade do texto e a experiência que possuíam.

Como diretora, Maria Clara deveria limitar esta atividade em peças que não tivessem papel de tanta responsabilidade. As roupas e os cenários muito bons e de muito bom gosto.

É uma pena que "O Tablado" não siga uma orientação um pouco menos pretensiosa pois, seriam então, sem dúvida alguma, uma das grandes realizações teatrais do Rio de Janeiro.

O TEATRO NA INGLATERRA

**NOTÍCIAS DA
CINELANDIA**

* Fred Astaire comemorou em julho último o trigésimo aniversário de casamento, o que merece registro especial. E há outro detalhe curioso: desde que casou na mesma data e tem o mesmo número de anos até hoje...

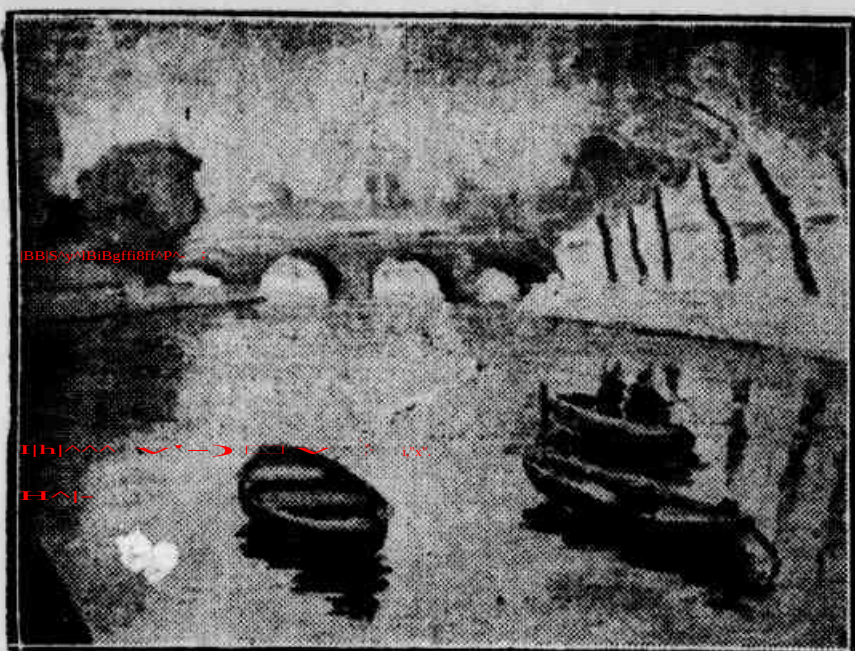
INICIADO O FESTIVAL DE EDINBURGH

e cada, esse ano, as obras de
 noir, e atuação na capital
 essas três companhias de "bal
 e do American National
 Theatre, o Ballet Espanhol de
 lar Lopez e a Companhia St.
 Wells Theatre, de Londres.
 Festival, que continuará a
 setembro, apresentará opera-
 tes elas "Rake's Progress
 Igor Stravinsky, em sua ap-
 tação de estréia, no Reino U-
 Serão organizadas confer-
 sobre operas, exposições de
 mica e bonecas bordadas, e
 Toda essa ampla variedade
 atrações são fatores que
 blem para aumentar o êxito
 Festival já firmemente
 grado.

Em primeiro lugar, não é só de Cândido de Oliveira que os filólogos emitem opinião. O professor José L. de Vasconcelos R. Gonçalves Viana, do lugar escrever portunês e não com es, para os não protestarem com to circunflexo que vai a ser comodo, mas não é comear escreveres in-

Em segun-
guez com
es tipogra-
tra o acento
sobre o e,
legitimo; é
aconselha-
e

Nomes próprios ace-
penúltima, isto é p
graves. — Adonis, A
trite, Alcides, Andro
to, Arquimedes, Arist
bulo, Abdera, Berer
Gitera, Coicito, Cleo
des, Dario, Euclides
Eurotas, Epiteto (nã
Capetito na



"BARCAS — Margens do Sena" — Quadro de JUDITH GABUS

UM VELHO PROBLEMA:

(Conclusão da 13.ª pag.)
com o n. comum epíteto, que é esdrúxulo, to breve), Gargano, Ganímedes, Latona, Leucipo,

UM GENERAL AOS

QUATORZE ANOS

(Conclusão da 1.ª página).
mo, cujos fundos davam para o Monte Serrat.

Um incidente mínimo deu causa ao rompimento entre o provedor da Alameda e o antigo capitão-mor da Capitania, mera questão de pudor mal compreendido.

O fato foi que, após tomar posse do cargo, Timoteo Correia de Góis regressou a São Paulo às vésperas da Páscoa da Ressurreição, deixando o seu escritório com o encargo de despachar as cartas que viessem para a Alfandega, de conformidade com o Regimento da Fazenda Real.

Em um navio fundeado em Santos veio uma caixa despachada para um morador da vila, de nome José Pinheiro, amigo e compadre do capitão Diogo Pinto do Rego. Este retirou a encomenda e recusou pagar o imposto devido, na importância de 400 réis, julgando que poderia agir arbitrariamente e, visto que o provedor não passava de uma criança e, portanto, incapaz de fazer valer a sua autoridade...

Tendo conhecimento do fato por intermédio do escrivo da Alfandega, Timoteo de Góis confabulou com sua mãe e seu padrastrô. Sendo senhora de rara energia e prudência, foi d. Angela de opinião que se tomasse providência para se evitar futuros descasos ao representante do rei na Capitania e prejuízos à Fazenda. De acordo com essa determinação, ordenou Pedro Taques que o escrivo reconhecesse preso o infrator insolente.

A ordem foi executada. O escrivo e o meirinho deram voz de prisão a José Pinheiro e o trancafiaram na enxovia da cadeia de Santos. Quando soube do encarceramento do seu amigo e compadre, o poderoso capitão-mor Diogo Pinto do Rego foi tomado de violento acesso de cólera, despedindo raios olímpicos de ira em tremendas objurgações contra os reis palacianos, esses mestres de bugres do planalto, que se atreviam a insultar a um militar de Sua Majestade, prendendo, ignominiosamente, um seu amigo e partidário leal...

E, dirigindo-se à cadeia, ordenou ao carcereiro que soltasse José Pinheiro, ordem essa, que o humilde servidor da justiça não ousou contrariar.

Livre, José Pinheiro foi para sua casa, rindo-se, da "ingenuidade" do franganote elevado às funções de provedor, que illicta as veleidades de arrostar o prestígio do grande senhor de Santos, que era o capitão-mor Diogo Pinto do Rego...

Os moradores da vila praiana ficaram estupefactos ante o ato prepotente do capitão-mor contra a autoridade de um representante da Coroa na Capitania. E ficaram na expectativa de graves acontecimentos.

E não se enganaram nos seus prognósticos, porquanto a notícia estourou como uma bomba em São Paulo, conforme veremos na crônica do próximo domingo.

Mauro, Messala, Miletto, Mitrídates, Nasicu, Nicetas, Pandora, Policleto, Polinice, Patolo, Priapo (o Madureira deu erradamente a este nome a penúltima breve), Serapis, Sinope, Sarmacia, Sardana-palo, Trogloditas, Tessalônica, Trastibulo, Verona, Verônica, etc.

A nossa pronúncia regula-se em geral pela latina, pois que o português não é mais do que o latim numa de suas formas modernas. A escassez de acentos escritos torna frequentíssimos entre nós os erros de pronúncia, alguns deles verdadeiramente grosseiros, e outros que já se não podem emendar por serem adotados por todos. Conviém regularizar a acentuação gráfica para opor-se um dique à enxurrada dos barbarismos prosódicos. Gonçalves Viana organizou um código de acentuação simples, claro, perfeito e de facilíssima aplicação, observado o qual será difícil haver hesitação ou dúvida sobre a acentuação pronunciada de qualquer vocabulário. Em castelhano, graças ao sistema que nessa língua se adotou para a notação do acento, tais vacilações raramente ocorrem, e a língua é facilitada de aprender pela leitura. Numa língua, como a portuguesa, em que a acentuação é variável, ora sobre a última sílaba (palavras, agudas), ora sobre a penúltima (graves), ora sobre a antepenúltima (esdrúxulas) e até sobre a preantepenúltima (blesdrúxulas), os erros de pronúncia facilmente e frequentemente se cometem; e se isto sucede entre os naturais, que não são para os estrangeiros? Por que não havemos de querer, como os outros povos civilizados, que a nossa linguagem se torne acessível a todos além dos dois países onde ela se fala? Toda a gente compreende que, havendo várias pronúncias, vários acentos, e não outras tantas várias letras, seja necessário qualquer sinal na escritura que auxilie a distinção.

Seria vantajoso que, à imitação dos espanhóis, ao menos assinalássemos o acento sobre os esdrúxulos. Na Itália, onde, no tempo presente, se reavivou a tendência a dar maior uniformidade e certeza à pronúncia e à ortografia italiana, literatos e fidalgos reclamam o estabelecimento da acentuação escrita. É sabido que em italiano não se marca senão a última vogal acentuada, servindo para esse fim o acento grave se a vogal é aberta (Giosuè, andò), e o agudo se é fechada (viatù, perché, poché).

Nas palavras agudas acabadas em consoante, nas graves, esdrúxulas e blesdrúxulas não se pinta ordinariamente o acento, salvo nos casos em que só o acento distingue palavras escritas com as mesmas letras (homônimas): "âncora" (nome) e "âncora" (adv.), "Cúpido" (nome próprio) e "Cúpido" (adj.), etc. Mas, um autor de trabalhos conhecidos e prezados no campo da gramática e da lexicografia, e propugnador intrepido de inovações ortográficas — Petrocchi, propõe que se marque com acento todos os esdrúxulos. Não é razão que o acento seja privilégio das palavras agudas. Acentuar-se-ão umas e outras, e aquelas sem acento tornar-se-ão como graves, as quais constituem a maioria dos vocabulários italianos.

A fortuna anda rápida; quase todos os homens, devagar. Por isso poucos alcançam — Saavedra Fajardo.

O PREMIO JEAN VIGO, EM PARIS

HA' tres annos um grupo de jornalistas e homens de cinema fundava o premio Jean Vigo, destinado a recompensar a obra que se inscrevesse de maneira mais autentica no rastro deixado pelo genial realizador de "Zero de Conduta" e de "L'Atalante". A iniciativa foi feliz; a gloria de Jean Vigo, morto em 1934, com trinta annos dois grandes filmes e duas curtas metragens, cresce de anno para anno. Ha meses, uma nova e valiosa revista illoesa, "Positif", consagrava a Vigo um numero especial, rico em analyses e em documentos. Claude Vermorel lembrava o dito do encenador: "Um filme para mim é uma participação total". Vigo impôs-se difficilmente.

"Zero de Conduta" foi prohibido em agosto de 1933, em virtude de um protesto dos "pils de familia organizados" e "A Atalante" foi mutilada e refetida pelos produtores que não achavam a obra bastante comercial; salu com o titulo duma canção então em voga: "Le Chaland qui passe".

A personalidade de Vigo era realmente desconcertante; o seu anarquismo não alijava as suas cartas realidades sociais, como "A propos de Nice", que ele fugava com uma verve de panfletario-nato; era toda a condição humana que este Richard do cinema se compazia em dilacerar.

No fim de contas, — escreve judiciosamente Barthélemy Armand, — de poetica, a sua revolta tornou-se metafisica. Por detrás do burguez, através do burguez, monstro ou fanteche, atinge o homem. E' o mundo, a condição humana que Vigo não aceita. Nada escapa ao seu terrivel humor, aos seus sarcasmos, ninguém é poupado em "Zero de conduta".

E' isso, sem duvida, — se bem que confusamente — entrevisto — que provocou o panico dos prudentes do cinema. Contudo, ter-lhes ia sido facil discernir para além da crueldade de Vigo uma quente generosidade que com "A Atalante" se ia dilatar em ternura.

Tristão, sem illusão mas sereno, conclui Armand, ele aceitara cantar as nobres felicidades e as efemerac belezas da nossa vida, mas, mais ainda, empenhara-se em defende-las". E' essa verdadeiramente a mensagem final de Vigo e é precisamente aquelle que "eromram no começo da sua carreira alguns dos mais dotados, um Grémillon, um Carné, um Rouquier, um Tati e, entre os jovens, uma Yannik Eillon e um Alain Resnais.

Mas a fidelidade a Vigo não é unicamente a quente sympathia testemunhada a todos os que procuram fazer do cinema uma participação, é tambem o respeito por um estilo ápero e pessoal, estilo que, como o de "A Atalante", vai do realismo à poesia e condensa todas as virtudes esteticas da Escola francesa.

Claude Aveline disse ao falar daquelle que foi seu amigo que o seu estilo testemunhava de qualquer coisa de mais precioso.

Em torno da fundação de São Paulo

(Conclusão da 3.ª pag.)

da Companhia de Jesus", expõe o Padre S. Leite a suspeita de que o autor da Historia da fundação do Collegio da Bahia seja o padre Quirilo Caxa, numa de cujas cartas se lê trecho identico a outro incluído nessa mesma Historia ("Op. cit.", I, XXVII). Caxa era espanhol, chegou ao Brasil em 1563, só podia saber dos acontecimentos anteriores por ouvir dizer.

4) Note-se como é sempre Anchieta que aparece, quando se escreve sobre a fundação de São Paulo, o que contradiz frontalmente a tendença moderna, oriunda visivelmente de sentimentos lusofílicos levados ao exagero, de suprimir, ou quando menos anular praticamente a sua atuação na gloriosa efemeride. Na citação acima, conservando a forma primitiva dos vocabulos, desdobramos apenas as abreviaturas, e acrescentamos acentuação.

so do que a ciencia estetica: — um caracter. E' pois a procura de um caracter, de um temperamento novo e pessoal que de-

Artigo de HENRI AGEI

via guiar tambem os amigos de Jean Vigo entre os quaes havia escritores como Claude Aveline e criticos como Georg Sadoul.

Foram coroadas successivamente "La Montagne est verte" de Jean Lehenissey, consagrado a Victor Schœlcher, o iniciador da emancipação dos negros; "La Grande Vie", de Henri Schneider, com argumento de Schneider e Albert (amigo pessoal de Vigo); "Un Blanc" de Albert Lamorisse, acolhido com entusiasmo no Festival de Cannes.

Em 1931, "La Montagne est verte" competira com "Premieres armes" de René Wheeler, que por pouco não obteve o premio.

E' facil distinguir o denominador comum dos filmes que atraíram a attenção do jury de Vigo, dos quaes, "La Grande Vie", foi mal recebido pelo geral do publico e pela imprensa. Todas estas realidades são corajosas, rompem com as convenções e são amadas pela mesma generosidade, o mesmo amor do ser humano. Numa época em que tantos filmes se deliciam em mostrar a decação do proximo e atacam de modo igualmente machado os estigmas do seu aviltamento, es membros do jury de Vigo resol-



TRAIRES REGIONAIS DA ESPANHA — A maiorquina.

A GENEROSIDADE DE GOROT

O grande caricaturista francês Daumier, pobre e meio cego, aos 56 annos de idade, foi um dia despejado pelo senhorio implacavel. Subido da desventura do amigo e confrade, o não menos famoso pintor Corot teve um rasgo de generosidade digno de nota: doou a Daumier uma pequena casa que possuia e escreveu-lhe a seguinte carta:

"Meu caro colega. — Tinha em Valmondois uma casinhola e não sabia o que fazer dela. Vem-me a ideia de offerece-la ao amigo e para isso fui ao tabelião, mandando registra-la em seu nome. Não é por você que faço isso, mas para dar uma lição ao seu senhorio. — Seu Corot".

QUE E' UM FILOSOFO?

D'Alembert vivia com uma velha governante, muito devota, que se admirava de passar o filosofo tão solitariamente a sua vida, toda dedicada ao estudo e à reflexão, acolhendo com verdadeira indiferença as pessoas importantes que o iam visitar, de quando em quando. A boa mulher não se conformava, sobretudo, com o fato de D'Alembert pouco ligar a honrarias e dadias e até as recusasse, quando lhe eram offerecidas. Procurava, por isso, habilidosamente, converte-lo a uma vida melhor:

— O senhor poderia vir a ser uma figura importante na sociedade e no entanto não passa de um filosofo — disse-lhe ella um dia.

— Um filosofo? E que é que você entende por filosofo? — perguntou ele a governante.

— Acho que é um doido que se atormenta a vida toda para que falem dele depois de morto...

veram honrar os filmes que ressoam com timbre fraternal.

A picade ferverosa que illumina as imagens dos negros torturados em "A Montanha é verde", o lirismo lendario que acaricia o pequeno cavaleiro de "Crima Branca", os adolescentes de jactancias derisorias mas tragadas com tão misericordiosa ternura n' "A Grande Vida", e em "Premieres Armes", ou tantos tantos espelhos "obscurité et plainité" teria dito Baudelaire, mas por isso mesmo verdadeiros, frementes de verdade. Em Vigo, o sarcasmo e o humor nunca eram seguros. Henri Schneider e René Wheeler tambem não são impassíveis quando mostram com um realismo aere, que trava a garganta, o rapazião desorientado pela guerra que quer fazer de homem, ou os dois aprendizes de joqueiros explorados. Quotidiano, humor, picade; a poesia surda que se perpetua em "Subu de Montparnasse", de Charles Louis Philippe.

UM FILME SOBRE A CONQUISTA DO EVEREST

Tom Stobart, fotografo oficial da ultima e vitoriosa expedição britânica ao Everest, doamtu com sua camera no sacco de dormir, para conserva-la quente, — revelou ele numa conferencia a imprensa em Londres.

Stobart que filmou na Antartica com a expedição britânico-sueco-norueguesa em 1949 e 1950, disse que está, comparada com a do Everest, tinha sido "um pedaço de bolo". O frio não era o principal problema, embora a baixa temperatura impusesse respeito. As camaras fotograficas tinham de ser carregadas nas costas dos "sherpas", eram sacudidas com o movimento do caninhão e o perigo das chuvas de vento tornava necessario observar constantemente a sua impermeabilização. Seu guia pessoal caiu doente e retornou à base; depois disso, Stobart teve de carregar a seu proprio equipamento, que pesava uns 15 quilos, peso consideravel naquelas altitudes. A tarefa de filmar com oculos protetores era extremamente difficil, mas remove-los seria um convite a cegueira da neve.

O filme colorido de 16mm, "Tô-dado" na garganta sul, a uma altitude de 7.000 metros, e já sendo copiado em technicolor.

Quando pronto, no outono proximo, fornecerá aos espectadores parte das emoções da maior aventura do Seculo XX, incluindo cenas como a passagem por abismos em pontes de corda, a vida nas pequenas aldeias "sherpas" e o grande momento em que Hillary e Tensing voltaram triunfantes.

Esse filme está sendo executado pela Countryman Films. — (B. N. S.)

Um senhor entra num banco e pergunta em voz alta:

— Quem perdeu um pacote de notas, presas com um elastico?

Varias vozes responderam ansiosas: Eu, eu, eu, eu...

— Muito bem, está aqui o elastico...



Posso fazer um Lord, mas só Deus pode fazer um gentleman". — James I, da Inglaterra.

0-0-0

Nenhum caminho de flores conduz à gloria — La Fontaine.

0-0-0

Gosto popular! Duas palavras que se repelem: tudo pode ser popular exceto o gosto, que é o resultado da e.d.u.c.a.ção — Henri Rabusson.

0-0-0

Os maiores homens na politica e na guerra são os que foram os ultimos a capitular. — BARBEY D'AUREVILLE.

0-0-0

Sempre leva errado o norte quem tem amor por gula — LOPE DE VEGA.

Redação: Prof. MARIANA DE BERNARDES LIMA

O OXIGENIO QUE RESPIRAMOS

Tem-se dito que o oxigenio do ar se vai consumindo lentamente; que vai aumentando a quantidade de gás carbonico que nele existe, e que este gás, que é mais denso que o ar, chegará a encher os vales e os lugares baixos, de modo que os homens se verão forçados a residir nas montanhas. Este oceano de gás carbonico irá crescendo gradualmente e obrigará os homens a subirem cada vez mais em busca do oxigenio que lhes é indispensavel; então os habitantes do globo irão rareando, até que, por fim, o ultimo morrerá asfixiado, procurando ar no cume de alguma elevada montanha.

Observa-se, porem, que, em geral, quando na natureza há alguma coisa que parece marchar para o seu fim numa direção determinada, há sempre uma outra coisa que estabelece uma compensação; é isto o que sucede com o oxigenio e o gás carbonico do ar. Quando a quantidade deste ultimo tende a aumentar, o mar absorve o excesso, de modo que o recheio de que tinhamos de subir as montanhas em busca de ar oxigenado carece de fundamento. Por outro lado, o mundo vegetal verde está sempre a produzir novo oxigenio extraído do gás carbonico. Neste e noutros fenomenos semelhantes baseia-se aqui a que costumamos chamar o equilibrio da natureza.

NOSSOS CONCURSOS

ONDE ESTÁ A MENTIRA?

Leiam os nossos pequenos leitores, com toda a atenção, estes trechos de narrativa e, depois, digam onde está a mentira do narrador e porque ele mente:

— 1 —

"...Havia qualquer coisa que atrapalhava a passagem do trem pelo tunel da serra. Os passageiros já estavam receosos, estranhando as contínuas paradas do comboio e os gritos insistentes da maquina. Foi somente depois de meia hora de preocupações que descobriram a causa do barulho: um enorme peixe, do tamanho de uma baleia, saía calmamente do tunel, desimpedindo a linha..."

— 2 —

"...Corria o ano de 1782. Os impostos de selo aumentavam cada vez mais, irritando os cidadãos..."



A CORAGEM

OLAVO BILAC

Não seas nunca medroso!
Fraco embora, tem coragem!
Para fazer a viagem da vida, sem hesitar.
E' preciso, de alma forte, sem ostentar valentia, dominar a covardia, para o perigo enfrentar.

O medo é proprio do pífido, de peccador, do malvado; quem não se entrega ao peccado não receia a punição.
Não tem medo quem caminha com a consciencia tranquila, quem o inimigo aniquila com a força da razão!

Não abuses da bravura; não afrontes o inimigo; não procures o perigo; prega o amor e prega a paz. Mas, se isso for impossivel, não fuja! cai batalhando! E, se morretes lutando, morre! feliz morrerás.

O BEIJA-FLOR

Todos os que têm observado os beija-flores se admiram da rapidez com que eles se deslocam. As asas não se veem mover, tal é a rapidez do seu movimento que produz o sussurro especial que lhes faz dar em alguns países o nome de "aves sussurrantes" ou zumbidoras.

Vivam todo o dia no ar. Nunca se cansam de voar, salvo certas espécies, cujas asas são mais fracas e que como muitas outras aves procuram o seu alimento pousando nas arvores. Mas os beija-flores, em sua maior parte, se alimentam voando. E' certo que muitas outras aves assim procedem também, como a andorinha, porem aqueles, devido ao estranho poder das suas asas, se sustentam no ar enquanto chupam o mel que os nutre. Em geral as aves não podem voar para trás mas o beija-flor é uma exceção. pos o pode fazer, ainda que em curtos espaços. Quando se aproxima duma flor, mergulha nela o seu longo bico, enquanto que o corpo se sustem superiormente. Em seguida deixa cair o corpo como se estivesse suspenso da flor pelo bico. Mas não é assim.

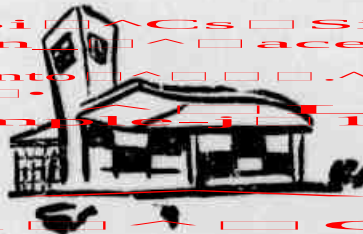
As suas esplendidas asas, trabalhando constante e vigorosamente como maquinas de vapor, mantêm-no flutuando no ar. Quando se esgota o suco que está bebendo, levanta-se de novo, tira o bico, voa para trás, e parte como um raio para outra flor. Alguns podem rodopiar no espaço, sobre si mesmo por um só movimento. Há os que parecem executar uma dança indo de um lado para outro com tal vivacidade que excedem a rapidez e agilidade das proprias andorinhas.

Há cerca de 500 espécies de beija-flores, não sendo possível fazer deles uma descrição minuciosa.

A parte mais notavel de sua estrutura, depois das asas, é o seu longo bico, combinado com a lingua, que eles podem projetar para o exterior. A lingua atua como uma bomba e o bico é conformado de forma a auxiliá-la. O suco das flores é o seu principal alimento, contudo não é o unico. Alimentam-se também de insetos.

Eles têm um grande merito. Ao passar de flor em flor levam o pólen e contribuem de modo indireto para a fecundação da mesma.

Como já dissemos, a quantidade em especie é enorme no Brasil, mas o mais comum é o chamado "papo branco". Outro também comum é o "papo vermelho".



A LENDA DO LOBISOMEM

Certa noite de sexta-feira, uma mulher caminhava pelo campo carregando ao colo uma criança e tendo ao lado o marido, quando este de repente sumiu. Pouco depois apareceu um cão de caça, com o focinho manchado de sangue e presas arroxeadas. Apavorada e estupefacta, a mulher correu em direção ao marido, que estava subido rapidamente numa árvore, onde tentou defender-se dando pontapes no focinho do animal, que, por fim, desistiu do ataque e se afastou rosnando, levando nas presas um pedaço de saia da mulher.

Ao voltar o marido à casa, a mulher viu entre os dentes dele uns fiapos da saia que o cão lhe alcançara. Com espanto, descobriu assim que o marido, por si, não caíra de sete irmãos varões seguidos, era lobisOMEM.

Híbrido de lobo e homem, so turna figura de noites aziagas, o lobisOMEM é a expressão popular do aparente dualismo da alma humana.

Esta lenda tem impressionado os místicos e os pensadores. Os homens "querem" ser bons, mas neles fermentam, em perigosa caldeira, os instintos da ferocidade animal. No intimo de todas as almas, há sempre um lobo que rosna.

Ser lobisOMEM, diz a lenda, é ter um fadario a cumprir, é uma imposição do destino. E' um destino, porem, que não nos impede de voltarmos a ser bons.



Mestre Elefante estava lendo sossegado um livro à sombra de uma árvore quando recebeu uma violenta bolada que o assustou e fez cair ao chão. Quem teria sido o causador desse disturbio? Procurem-no, para que seja castigado.



O QUE É O "FOGO FATUO"

Ha um gás que emana das substancias vegetais e animais em estado de decomposição, que se chama hidrogenio fosforado gasoso e é em geral, encontrado nos cemiterios e à superficie dos pantanos. Compõe-se de fosforo e de hidrogenio, como o seu nome indica, e arde com extrema facilidade.

A sua combustão efetua-se lentamente, à medida que se produz, resultando luminosa; e como a chama participa da agitação do ar, dirige-se lá que a luz se move, daqui para ali.

O fato foi observado desde tempos muito remotos, citando-se frequentemente o seu antigo nome latino de "ignis fatuus". Compreende-se que tenha dado origem a inúmeras lendas relativas a viajantes enganados por essa luz fugitiva e prestados para um terreno pantanoso onde pereciam afogados.

Houve tempo em que se supunha que talvez existissem certas espécies de insetos que revoloteavam de noite, pela superficie das águas pantanosas e pelos cemiterios produzindo uma luz muito debil. Sabe-se, porém, atualmente, que ha insetos como os pirilâmpas, que emitem uma certa quantidade de luz, mas a explicação atualmente aceita é que os fogos fatuos são devidos a combustão do hidrogenio fosforado gasoso.

A LUVA

O rei de certo país estava um dia no circo esperando que comesse uma luta entre feras. Em volta da pista viam-se as damas da alta aristocracia e os nobres da corte.

O monarca deu sinal de saída e a porta da jaula abriu-se dando passagem a um terrivel leão o qual olhou em redor movendo nervosamente a cauda, e foi colocado no meio da praça.

De novo o rei fez sinal com a cabeça. Abriu-se outra vez a porta e saltou para a arena um magnifico tigre, que, rugindo, olhou para o leão.

Depois de ter dado algumas voltas pela pista acabou por se deixar cair no chão, a pouca distancia.

Pela terceira vez o rei repetiu o sinal e então surgiram dois leões pardos que, velozes se lançaram sobre o tigre, o qual com uma só patada os pôs em debandada. Durante algum tempo só se ouviu o rugido das feras que foi decrescendo pouco a pouco porque os leopardos, metidos a um canto, aguardavam o momento propicio para saltar sobre o tigre.

Os espetadores continham a respiração, esperando o começo da luta quando, de repente caiu dum camarote, na arena, entre o leão e o tigre uma luva branca de mulher que pertencia à formosa filha dum marquês. Esta, voltando-se para um moço que gostava muito dela, disse-lhe sorrindo:

— Se o amor que sente por mim é tão profundo como diz, faça o favor de ir buscar a minha luva.

O cavalheiro titou a donzela, e antes que alguém pudesse descobrir o que se continha naquele olhar, saltou do camarote para a arena e, rapidamente apanhou a luva.

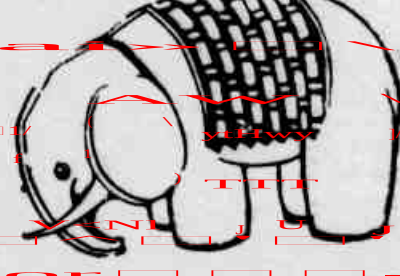
As feras lançaram-se sobre ele mas já estava a salvo e trepava rapidamente para o camarote.

De todos os peitos saiu um grito de alegria agrupando-se todos os nobres em redor do moço para o felicitem e assistirem no momento dele entregar a luva à sua dona.

Todos pensavam que esta não poderia deixar de oferecer-lhe a sua mão depois do heroico feito do cavalheiro. Este inclinou-se de frente da dama e ao mesmo tempo que avançava a mão em que segurava a luva, disse-lhe:

— Se por um capricho me expuzeste a um perigo tão grande, não quero nem admira o teu amor.

Dito isto, deixou-lhe cair a luva nos joelhos e afastou-se dela para sempre.



O INICIO DA ARTE DRAMATICA NOS ESTADOS UNIDOS

UMA DISTRAÇÃO FRIVOLA E PECAMINOSA, SEGUNDO OS "QUAKERS" — AUGUSTUS THOMAS E CLYDE FITCH, DOIS PIONEIROS DO TEATRO AMERICANO — O DRAMA MODERNO

ATÉ meados do século XVIII o teatro foi um genero pouco cultivado pelos autores norte-americanos. Esta situação se devia, em parte, pelo menos, à circunstância de que a representação de obras dramaticas foi proibida em algumas colonias e vista com indiferença ou franca hostilidade em outras. Na America anglo-saxônica, tanto os puritanos como os "quakers" (x) consideravam o teatro como uma distração frívola e pecaminosa. Por conseguinte as representações teatrais eram raras na Nova Inglaterra e nas colonias de Nova York e Pensilvania.

No Sul, entretanto, a vida era menos austera, menos dominada pelo clero protestante e as representações dramaticas despertavam consideravel entusiasmo popular. No ano de 1716 já existia um teatro em Williamsburg, capital de Virginia e sede do Colegio de William e Mary, uma das mais antigas universidades norte-americanas.

As representações de obras teatrais por estudantes universitarios, longe de ser uma inovação moderna, eram frequentes na epoca colonial. Como nos tempos de Shakespeare, existiam tambem companhias de atores ambulantes que vagavam por diversos lugares, dando representações em praças publicas, teatros improvisados, celeiros e casas particulares.

Todavia, a verdadeira historia do teatro norte-americano começa em 1732, quando um grupo de atores profissionais, chamado *The American Company*, inaugurou uma temporada de onze meses em Williamsburg. Seu repertorio consistia principalmente das obras de Shakespeare e de outros dramaturgos ingleses.

Um espetaculo realizado em beneficio de uma sociedade caritativa de Filadelfia deve ter contribuido para abrandar o coração dos "quakers", porque em 1766, dez anos antes da Declaração da Independência, a *American Company* construiu em Filadelfia o primeiro teatro permanente dos Estados Unidos, o *Southwark*. Nêle se representou no ano seguinte a primeira obra dramatica escrita por um norte-americano. Escrita em verso livre, *The Prince of Parthia*, de Tomás Godfrey, de Filadelfia, é uma tragédia que conta as aventuras da morte tragica de dois amantes em um pais do remoto oriente.

DURANTE A REVOLUÇÃO E A PRIMEIRA EPOCA NACIONAL

Ainda que a tumultuosa época revolucionaria tenha inspirado muitos dramas patrióticos, os personagens de quase todos eles pertenciam às épocas clássicas da história grega e romana.

Só em 1787 apareceu uma comedia de argumento nacional, *The Contrast*, de Royall Tyler, que foi levada à cena em Nova York. Nela o autor contrasta satiricamente os costumes sociais do Velho Continente com os costumes americanos, dando evidentes vantagens a estes últimos. Nesta obra aparece

pela primeira vez o personagem do Ianque típico que posteriormente veio alcançar popularidade nacional. Tal foi a prevenção contra o teatro em certas



EUGENE O'NEILL, o grande dramaturgo norte-americano (Premio Nobel de Literatura de 1936 e Premio Pulitzer varias vezes)

ciudades durante esse periodo que *The Contrast* foi anunciado em Boston como "uma leitura moral em cinco partes" ou capitulos.

Outra figura importante na historia do drama dos seculos XVIII e XIX é a de William Dunlap, cuja obra mestra é *André* (1798), em que se leva ao palco um emocionante episodio revolucionario relacionado com as atividades do espião britânico do mesmo nome. Dunlap escreveu tambem uma interessante historia do Teatro Americano (1832) em que aparecem noticias da atuação de Mr. e Mrs. David Poe, pais do imortal poeta lirico Edgard Allan Poe.

A aparição do indio americano no teatro se realiza com intenso sentido dramatico em *The Indian Princess* (1808), de James Daker. Protagonista desta obra é Pochontas, filha do cacique que aterrorizou os habitantes de Jamestown,

em Virginia. No momento mais emocionante da peça, a bela india salva a vida do capitão John Smith, governador da colônia, cobrindo-o com seu corpo quando os selvagens vão ferir-lhe o cráneo, obedecendo ordens do pai da princesa.

Rip Van Winkle, o simpatico colono holandês que dormiu vinte anos entre as montanhas do Estado de Nova York, protagonista do conto do mesmo nome, de Washington Irving, teve um êxito extraordinario na versão dramatica realizada por George Henry Boker, de Filadelfia.

No século XIX, o ator Joseph Jefferson representou o papel de Rip durante mais de quarenta anos com singular êxito em quase todos os teatros da Republica.

DA GUERRA CIVIL A PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

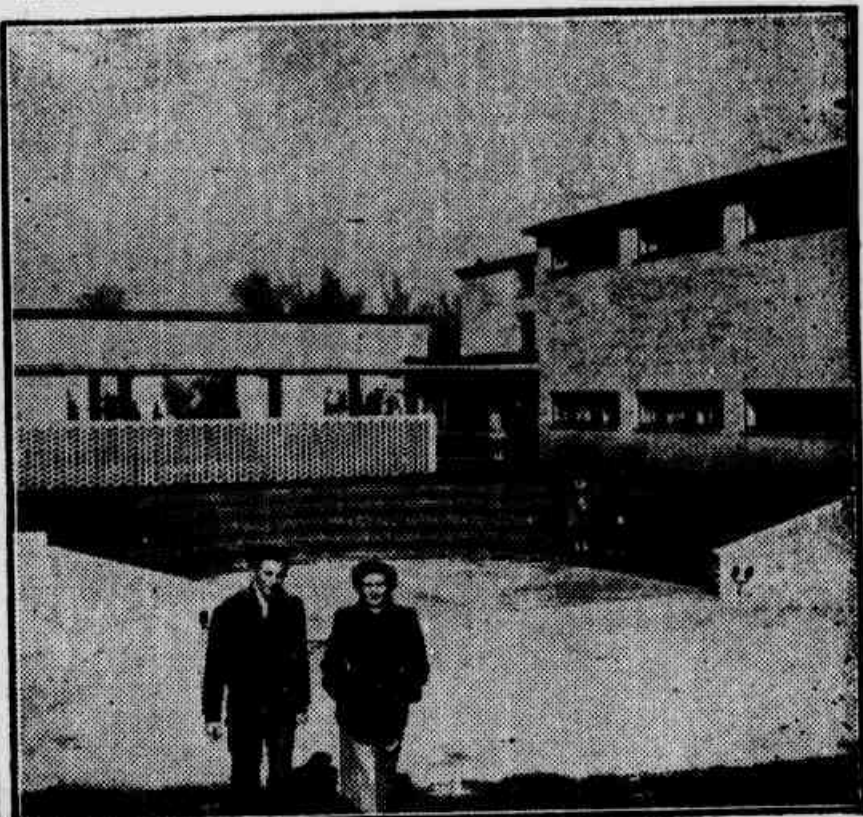
Antes do ano de 1870, aproximadamente, o publico norte-americano havia demonstrado acentuada predileção pelas obras dramaticas de autoria estrangeira.

Prova disto é o caso da comedia *Shenandoah* (1868), inspirada em episodios da Guerra Civil, que foi reencenada por um conhecido empresario de Nova York, o qual afirmou que, em vista do gosto popular, não se atrevia a apresentar uma peça de tema americano, por melhor que fosse este.

Vinte anos mais tarde, *Shenandoah* foi levada à cena e alcançou clamoroso exito. Se esta situação, tão prejudicial para o desenvolvimento do drama nacional se modificou nos ultimos anos do século XIX, foi, em grande parte, graças ao talento de dois homens extraordinarios: Augustus Thomas e Clyde Fitch. Thomas (1857-1943) aproveitou elementos nacionais em suas obras *In Mizzoura* (1893), *Alabama* (1891) e *Arizona* (1897). Tambem de sua autoria é *The Copperhead* (1918), em que volta a aparecer a figura do espião heroico imortalizado por Dunlap em *André*.

Foi na comedia social com sua representação de autenticos tipos norte-ameri-

canos em que Clyde Fitch (1865-1909) alcançou seus maiores triunfos. Em *The Climbers* (1901) fixa impiedosamente o drama de uma mulher desenfreada



Este teatro grego ao ar livre, no Centro de Arte da Universidade de Arkansas, é usado para trabalhos experimentais e concertos ao ar livre. — (Foto USIS)

CORREIO PAULISTANO

ANO II || SÃO PAULO, 6 DE SETEMBRO DE 1953 || N. 63

que pretende se destacar em todos os circulos sociais. *The Truth* (1906) demonstra os resultados, às vezes tragicos, da mentira social tão aceita na vida mundana.

O PEQUENO TEATRO

Nos primeiros anos do século atual surgiu o teatro de aficionados e de estudantes, conhecido pelo nome de *The Little Theatre*, que veio exercer influencia definitiva na produção dramatica contemporanea dos Estados Unidos. As caracteristicas mais marcantes deste movimento são sua dedicação ao drama com fins exclusivamente artisticos, livres de toda a preocupação comercial, e sua experimentação com temas e tecnicas novas.

Em varias universidades, como Yale, Harvard e North Carolina, fundaram-

se "dramatic work-shops" nos quais foram iniciados algumas das figuras mais eminentes do teatro contemporaneo. Tambem celebres entre os primeiros grupos do *Little Theatre* são os *Washington Square Players*, de Nova York, e *The Provincetown Players*, de Massachusetts. Os *Washington Square Players* adotaram mais tarde o nome de *The Theatre Guild* e alcançaram fama internacional sob a direção da celebre atriz Eva Le Gallienne.

Em seu minusculo teatro, situado num calç do porto de Provincetown, os *Provincetown Players* representaram em 1916 a primeira obra dramatica de Eugene O'Neill. Com este acontecimento, de enorme transcendência para o teatro moderno, se abre o livro do drama contemporaneo nos Estados Unidos.

(x) Membro de uma setta religiosa, fundada no século XVII nos Estados Unidos, denominada *Society of Friends*.

DESVALORIZAÇÃO MONETARIA

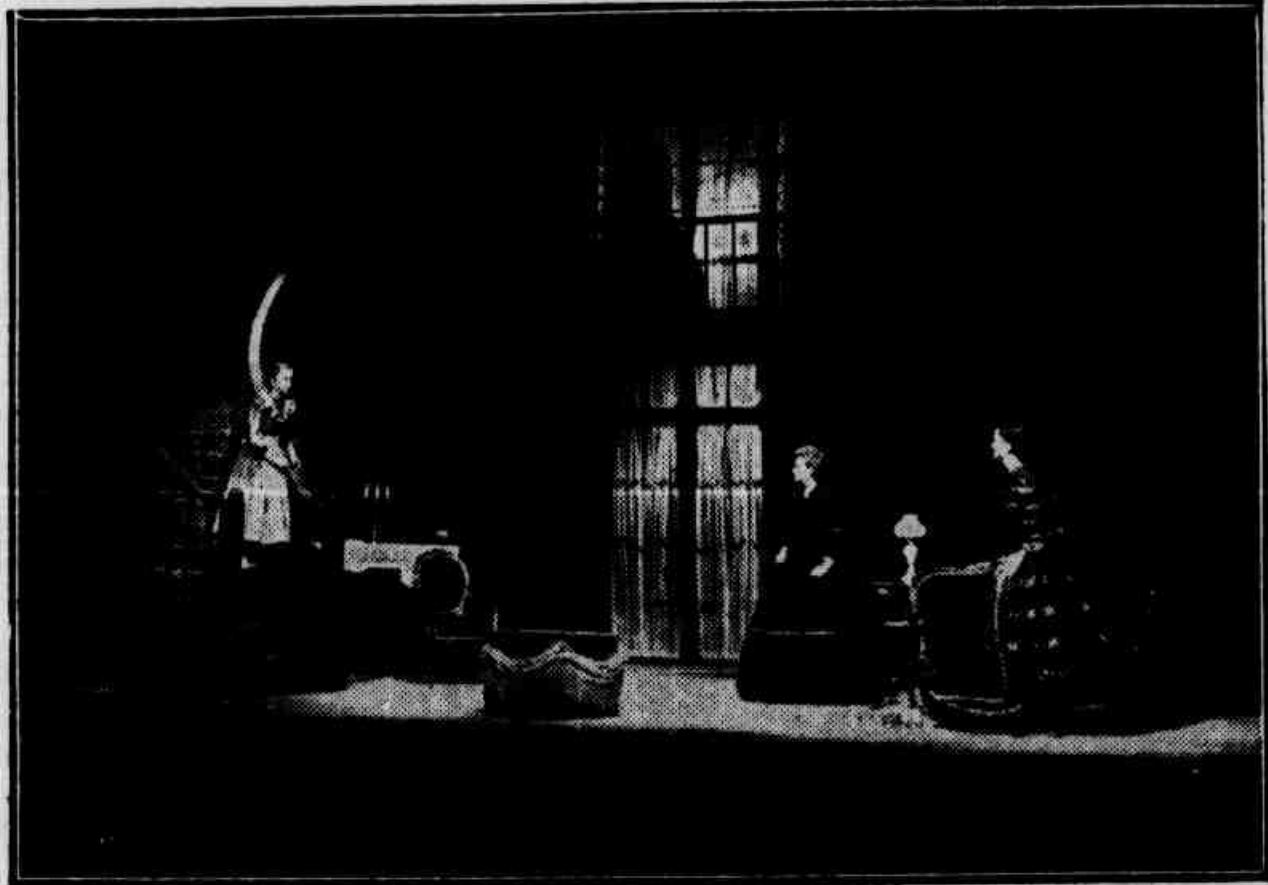
Andava certa vez Aristippo pelas ruas do mercado, procurando algo de apetitoso para a sua mesa, pois, embora fosse filosofo, era grande apreciador de boas manjares. Deparando com uma gorda perdiz em certa banca, aproximou-se e indagou do preço. Custava 50 dracmas, quantia que, naquele tempo e por aquela mercadoria, poderia ser considerada enorme. Aristippo não hesitou e comprou a perdiz.

Um filosofo estoico, que se achava perto, censurou-o por essa perdularia ação. Aristippo ouviu-o, tranquilamente e, por fim, objetou-lhe:

— Diz-me uma coisa: se esta perdiz, em vez de custar 50 dracmas, custasse apenas alguns centimos, não te escandalizarias assim se eu a comprasse?

— Claro que não!

— Pois então, sou tambem um filosofo estoico e virtuoso, porque, para mim, cinquenta dracmas não valem senão alguns poucos centimos...



Cena da peça "The Innocents", baseada em um romance de Henry James, produzida e interpretada por membros do Teatro Experimental do Centro de Arte da Universidade de Arkansas. — (Foto USIS)